
AS PRINCIPAES ASSOCIAÇÕES LITERARIAS E SCIENTIFICAS DO BRASIL
(1724 - 1838) (*)

PRIMEIRA PARTE

- A « ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS »
— A « ACADEMIA DOS FELIZES »
— A « ACADEMIA DOS SELECTOS » — A « ACADEMIA BRASÍLICA
DOS RENASCIDOS » — A « ACADEMIA SCIENTIFICA
DO RIO DE JANEIRO » — A « SOCIEDADE LITERARIA DO
RIO DE JANEIRO »

As duas tentativas mais antigas de aggremação intellectual, realizadas pela civilização européa, distam mais de mil annos uma da outra: — a escola de Platão, no jardim de Academus, é do anno 388 antes da éra actual: e a academia *palatina*, assim chamada por se reunir no proprio palacio de Carlos-Magno, creou-a esse soberano em 785.

Só o Renascimento, porém, é que havia de determinar o apparecimento de sociedades especulativas, a principio exclusivamente estheticas e depois scientificas e philosophicas,

(*) O presente estudo, do Sr. Max Fleiuss, primeiro secretario perpetuo do Instituto Historico do Rio de Janeiro, constituia uma *Memoria* apresentada ao Segundo Congresso Scientifico Pan-Americano reunido em Washington, de 27 de Dezembro de 1915 a 8 de Janeiro de 1916. A *Revista Americana* publica-o agora pela primeira vez, recommendando-o calorosamente a todos os seus leitores.

destinadas a influir na fundação de cenáculos similares por todo o mundo culto.

Assim, da *Accademia degli Umili*, fundada em Florença em 1540, originou-se a *Accademia della Crusca* (isto é, do farello), a que se deve o celebre dictionario, cuja *editio princeps* é de 1612, — seguida pela *Accademia del Cimento*, alli estabelecida em 1657 pelo cardeal Leopoldo de Medicis. A *Arcadia* de Roma data de 1690. São tambem do seculo XVII as associações analogas creadas na França: — a *Accademia Francesa*, fundada pelo cardeal Richelieu em 1635; a *Accademia das inscripções e bellas-lettras*, e a *Accademia das Sciencias*, ambas devidas a Colbert em 1663 e 1666; e as de *pintura e esculptura*, de *musica* e de *architectura*, foram installadas, respectivamente, em 1648, 1666 e 1671. Ao neto do *roi-soleil*, Philippe V, que succedeu em 1700 a Carlos II, é que cabe a gloria da criação da *Accademia Hespanhola*, moldada pela *Francesa*; e, anteriormente, á similhaça dos aggrupamentos coetaneos de nomes exquisitos, — *Immoveis*, *Gélidos*, *Solitarios*, *Insensatos*, *Surdos*, *Ociosos*, — de origem italiana, vira a patria do Cid apparecer os *Nocturnos* (de que foi *alma-mater* Guillém de Castro, comediographo famoso, 1569-1631), os *Desconfiados* (de Barcelona), e a *Accademia do Bom-Gosto*, esta fundada pela condessa de Lemos, na primeira metade do seculo XVII.

Em Portugal, o movimento correspondente ao que acabámos de esboçar desabrocha depois da restauração de 1640: — os *Generosos* congregaram-se no palacio do trinchante-mór do reino, d. Luís da Cunha, e secretariava-os o conde de Villa-Maior; attribue-se ao conde de Ericeira a paternidade das conferencias *Discretas*, das quaes provavelmente resultou uma obra estimabilissima, o « Vocabulario » de d. Raphael Bluteau; e, a exemplo do que se passava então na Italia e Hespanha, viu a terra de Affonso Henriques proliferar no seu seio, todas de curta duração e de menor proveito, as sociedades dos *Instantaneos*, *Solitarios*, *Illustrados*, *Occultos*, *Ignorantes*, *Humildes*, *Obsequiosos*, *Insignes* e *Anonymos*... Dentre esses gremios ephemeros, salientou-se a *Accademia dos Singulares*, fundada pelo inquisidor-mór Pedro Duarte Ferrão.

Como o chamado Renascimento não fôra um phenomeno regular na evolução do occidente, onde estava em pleno apogeu o catholicismo, implantou-se nos melhores espiritos a desordem que os levou a intrometter em suas produções o polytheismo greco-romano, ás vezes em manifesta confusão com a theologia e theogonia então dominantes. Essa anomalia, de par com outras causas, é o que explica o porque, desde fins do seculo XVI até grande parte do XVII, se alastrou pela Europa a preocupação dos trocadilhos, dos *concetti* insulsos, das metaphoras arrojadas e o tratar das questões mais ociosas e futeis, quaes as debatidas, não raro, pelos *escolasticos* medievaes. Essa perversão literaria, que se chamou na Italia *marinismo*, (do poeta Marini, autor do *Adonis*, 1569-1625) e na Hespanha *gongorismo* (de d. Luís de Góngora y Argote, 1561-1627, poeta que fundou o *estilo culto*), — tendo attingido á Inglaterra, onde tomou de Euphues, seu introductor alli, o nome de *euphuismo*, e havendo-se ostentado na *Pleiade*, que surgiu em França sob Luís XIII, — não podia deixar de reflectir-se em Portugal, onde floresceu por muito tempo com a denominação de *cultismo* ou *culteranismo*.

Não podia a colonia luso-americana, — onde o progresso se accentuára rapido no seculo XVIII, graças ao descobrimento das grandes riquezas metallicas, ouro e diamantes. — deixar de contrahir a mania das aggremações literarias, com os mesmos defeitos com que a metropole as havia imitado da Hespanha e da Italia.

Vamos, em ligeira synthese, tratar, na ordem seguinte, das associações especulativas que teve o Brasil no seculo XVIII: — a) a *Academia Brasilica dos Esquecidos*; b) a *Academia dos Felizes*; c) a *Academia dos Selectos*; d) a *Academia Brasilica dos Renascidos*; e) a *Academia Scientifica do Rio de Janeiro*; f) a *Sociedade Literaria do Rio de Janeiro*.

A) A « ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS »

A 23 de novembro de 1720, tomou posse do cargo de vice-rei do Estado do Brasil Vasco Fernandes Cesar de Menezes, depois conde de Sabugosa.

Além do muito que fez, quer na administração geral, quer, mais particularmente, afim de desenvolver a conquista do interior, do que dá conta o códice intitulado « Index de varias noticias pertencentes ao estado do Brasil, e do que nelle obrou o Conde de Sabugoza no tempo do seu governo », manuscripto pertencente ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, onde tem o numero 346, — deve-se-lhe a fundação do primeiro gremio, que, copiando as instituições congêneres de Portugal e talvez influenciado pela *Academia da Historia Portugueza*, que d. João V creara em 1721, surgiu em plagas brasileiras.

A acta seguinte, fielmente copiada do original, fornece ampla noticia de tal companhia, isto é, da sua organização e dos seus fins:

« O Exm. Snr. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, incomparavel vice-rei do Estado do Brasil, que no seu inclyto nome traz vinculada com a profissão d'illustrar as armas a propensão d'honrar as letras, para dar a conhecer os talentos que n'esta provincia florescem, e por falta d'exercicio litterario estavam como desconhecidos, determinou instituir uma academia, a cujo fim fez chamar por cartas circulares as pessoas seguintes: o reverendo padre Gonçalo Soares da França, o desembargador Caetano de Brito e Figueiredo, chanceller d'este Estado; o desembargador Luiz de Siqueira da Gama, ouvidor geral do civil; o doutor Ignacio Barbosa Machado, juiz de fóra d'esta cidade; o coronel Sebastião da Rocha Pitta, o capitão João de Brito Lima; e José da Cunha Cardoso; aos quaes, na tarde de sete de Março de mil setecentos e vinte e quatro, communicou a vontade com que se achava d'erigir e estabelecer a academia, cuja resolução abraçaram uniformes os sete convocados, como filha de tão excellente e generoso espirito; e com o seu beneplacito escolheram por empreza o sol com esta letra: — *sol oriens in occiduo* —, assentando entre si com louvavel modestia intitulem-se — *Os Esquecidos*.

« Tomaram por materia geral de seus estudos a historia brasilica, dividida em quatro partes: a natural, que corre por conta do já mencionado chanceller; a militar, que se encarregou ao dito juiz de fóra; a ecclesiastica, cujo emprego se deu

ao reverendo Gonçalo Soares da França; e a politica, cuja incumbencia cahiu em sorte ao ouvidor geral do civil.

« Dos sete academicos principaes, o primeiro se denominou com o titulo d'Obsequioso, o chanceller tomou o nome de Nubiloso, o ouvidor do civil d'Occupado, o juiz de fóra de Laborioso, o coronel de Vago, o capitão d'Infeliz e o ultimo de Venturoso. A este nomeou o Exm. Snr. vice-rei e protector d'academia por secretario, para orar na primeira conferencia, que se determinou fosse na tarde de vinte e tres d'Abril dia oitavo depois da pascoa do anno já referido.

« Assentou-se que as expedições academicas se fizessem em palacio, reiterando-se de quinze em quinze dias, e alternando-se os quatro mestres de dois em dois em reciproca successão, dando-se principio a cada um d'aquelles actos com uma oração ou discurso, que lerá o presidente nomeado por seu antecessor, com beneplacito do excellentissimo fundador d'academia, ficando a cada um dos presidentes a eleição livre da materia, acção, questão ou problema sobre que quizessem discorrer.

« Ficou por estatuto que, em objecto dos engenhos poeticos, se dariam para todas as conferencias dois argumentos ou assumptos, um heroico, outro lyrico; e as poesias a elles feitas lerá o secretario o dito José da Cunha Cardoso (depois de recitadas as prosas do presidente e mestres), admittindo-se tambem poemas anonymos.

« Não pareceu bem se dessem especiaes assumptos poeticos para a conferencia do primeiro dia; porque toda ella se reputou por breve para os merecidos encomios do nosso augustissimo protector, e da sempre heroica e felicissima criação da nova academia, em cujo nome se ordenou ao secretario chamasse e convidasse a muitos, particularmente a pessoas de distincção, o que elle observou por cartas; escrevendo tambem um papel que os curiosos podiam tomar como um cartel de desafio para certames litterarios. »

Conforme os tres volumes relativos a essa aggremação, copiados do códice 366 da Bibliotheca de Alcobça e existentes no Instituto Historico e Geographico Brasileiro (e que, em 1839, o visconde de S. Leopoldo julgava « irremediavelmente

perdidos », como se vê da *Revista do Instituto*, t. I, 3ª ed., pag. 64), realizou a *Academia Brasilica dos Esquecidos* 18 sessões, durando até 4 de fevereiro de 1725.

De taes conferencias, todas levadas a effeito no palacio vice-real, poucas foram as importantes, não tardando os academicos a declinar, tanto no estimulo ao comparecimento, como no apuro das suas prodigas allegorias. Na 1ª, a 23 de abril de 1724, teceram-se apenas abundantes lóas ao alto representante do soberano no Brasil; e, além do panegyrico entoado pelo secretario, recitou Antonio Cardoso da Fonseca um soneto adequado á festa, no que o acompanhou, com versos em latim, certo religioso franciscano, que se escondeu no anonymato. Encheu a 2ª, realizada a 7 de maio, bello discurso gongorico de Rocha Pitta sobre « a religião », tendo sobre o thema « Quem mostrou amar mais fielmente, Clycie ao sol ou Endymião á lua » discorrido varios poetas, entre os quaes se distinguuiu José de Oliveira Serpa. « A fortuna » foi o assumpto com que abrilhantou a 3ª o capitão João de Brito Lima (a quem Varnhagen se refere quer no « Florilegio da poesia brasileira », I, quer na « Historia geral do Brasil », II), (1), cujo cognome foi então epigrammatizado, no idioma do Lacio, por Luís Canello de Noronha, tendo Rocha Pitta e Antonio de Oliveira terçado rimas sobre o thema « Uma dama que sendo formosa não fallava, por não mostrar a falta que tinha de dentes ». Couberam as honras da 7ª ao padre-mestre Raphael Machado, reitor do collegio jesuitico da Bahia, o qual desenvolveu com habilidade o pensamento de Salomão « *Nihil sub sole novum* », e varios trovadores da associação exploraram a these « Uma moça que, mettendo na bocca umas perolas, e revolvendo-as, quebrou alguns dentes », tendo ganho as palmas do torneio o padre Barreto, vigario da freguezia de S. Pedro.

Depois da 18ª conferencia, celebrada a 4 de fevereiro de 1725, não se realizou nenhuma outra. Era evidente, desde muito, a decadencia do cenaculo, não podendo attribuir-se-lhe

(1) Já antes, no t. X da *Revista*, á pag. 116, o futuro visconde de Porto-Seguro se havia occupado da personalidade de João de Brito Lima.

o definitivo encerramento á retirada de Vasco de Menezes, porque este ainda se conservou no governo até 11 de maio de 1735.

E' natural presumir-se que o illustre vice-rei favoneasse a publicação da « Historia da America Portuguesa », que Sebastião da Rocha Pitta, alistado tambem entre os bons poetas da primeira metade do seculo XVIII, traçara até 1724 e que foi dada á estampa em Lisboa em 1730. Nella, em suas ultimas linhas, ns. 112 e 113 do livro X, é que o notavel escriptor bahiano trata do governo de que foi *magna pars*.

Entre as obras, que não chegaram a vir a lume, devidas a membros da *Academia Brasilica dos Esquecidos*, contam-se, além das producções de menor folego, atrás referidas, as seguintes: — uma *memoria acerca dos passaros da colonia luso-americana*, feita pelo chancellor da Relação da Bahia, Caetano de Brito de Figueiredo; uma dissertação sobre a historia ecclesiastica do Brasil, traçada por Gonçalo Soares da Franca, tambem arrolado entre os versejadores de merito; e, finalmente, o escripto de Ignacio Barbosa Machado (irmão do famoso bibliographo portuguez de igual appellido), datada da Bahia a 1º de junho de 1723 e dedicado a Vasco Fernandes Cesar de Menezes, com o titulo — « Exercicios de Marte, Nova Escola de Bellona, Guerra Brazilica, ou Dissertações criticas historicas do descobrimento e origens dos povos e regiões d'America, povoações, conquistas, guerras, e victorias com que a nação portugueza conseguiu o dominio das quatorze Capitánias que formam a Nova Luzitania, ou Brazil ».

Apreciando essa primeira aggremação litteraria de nossa terra, assim se exprimiu o conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro (*Revista do Instituto*, t. XXXI, 1868, p. 2ª, pags. 32): — « Descendente em linha recta das academias italianas, hespanholas e portuguesas, foi a *Academia Brasilica dos Esquecidos* a legitima representante do espirito futil e da incontinencia tropologica que tanto prejudicaram as suas avoengas. Os homens, porém, que consagraram seus lazeres ao cultivo da intelligencia, posto que mal encaminhada, nunia epocha em que tão poucas aspirações eram deixadas ás letras,

of C.A. Caetano
26

devem ser considerados benemeritos da patria, e sua saudosa memoria religiosamente guardada na urna do respeito e veneration dos posteros ».

B) A « ACADEMIA DOS FELIZES »

Graças á carta que o dr. Matheus Saraiva, em 20 de outubro de 1742, dirigiu ao abbade Diogo Barbosa Machado (« Revista do Hist. e Geogr. », t. VI, 2ª ed., 1866, pags. 365-369) e á noticia que vem no t. III, pags. 451, da « Bibliotheca Lusitana », sabe-se que nesta cidade do Rio de Janeiro, a 6 de maio de 1736, no palacio do governador, que era então o brigadeiro José da Silva Paes, na ausencia de Gomes Freire de Andrada, foi installado o segundo gremio literario brasileiro, em tudo semelhante aos que andavam ainda no galarim em Portugal.

O seu fim, diz o fundador, era « discorrer em assumptos varios, assim heroicos como lyricos », e compunha-se de trinta socios, « de um e outro estado ». Destes, ficaram apenas conhecidos os nomes de tres: o dr. Matheus Saraiva, português, fundador do gremio e seu presidente; o bacharel Simão Pereira de Sá, que era fluminense; e o dr. Ignacio José da Motta, que desempenhou as funcções de secretario.

O creador da *Academia dos Felizes* nascera em Lisboa a 21 de setembro de 1687, casando na côrte, logo depois de formado em medicina, com uma senhora do Rio de Janeiro, para onde veiu em 1713. Aqui, por provisões régias, exercia os cargos de medico do presidio e da saude e cirurgião-mór da capitania, professando depois na ordem de Christo, como cavalleiro. Relacionando os escriptos do operoso esculapio lusitano, que depois pertenceu á Real Sociedade de Londres, o visconde de S. Leopoldo, que conhecia os referidos por Barbosa Machado, recenseia os seguintes, que affirma (« Revista do Instituto », I, pags. 64) existirem na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, no gab. de ms., ns. 46 e 47, caixa 4: — 1) « America Portuguesa mais illustrada que outro algum Dominio deste Continente Americano »; 2) « Polianthéa Brazilica, medico-historica, dirigida ao conhecimento das

doenças endêmicas e epidêmicas do país, clima Americano, com remedios proprios, do mesmo, descobertos e adquiridos á força de experiencia e observação judiciousa, e de particular estudo e reflexão »; 3) « Discurso ascetico-medico-critico — Qual das virtudes moraes politicas seja mais preciosa, a Prudencia ou a Temperança? » (2); 4) « Oração Academica Pagnyrica á chegada do governador e capitão general Gomes Freire de Andrada em cinco dias desde a provincia de Minas Geraes ao Rio de Janeiro; na occasião em que os Academicos Felizes dissertaram no seu palacio sobre as virtudes de um heróe portuguez » (3).

De Simão Pereira de Sá o visconde de Porto-Seguro (« Historia geral do Brasil », II, pags. 865) possuia, em manuscrito, uns « Conceitos joco-serios », em vinte e cinco epistolas em verso. Adeante encontraremos ainda este nosso patricio na *Academia dos Selectos*, á qual tambem pertenceu o dr. Matheus Saraiva.

Não teve fado igual ao nome a *Academia dos Felizes*, cuja insignia era Hercules com uma clava afugentando o ocio e a inscripção correspondente — *Ignavia fuganda et fugienda*. Depois de uma interrupção, reabriu-se a 12 de abril em casa do secretario, mas, esclarece o fundador, « feneceu a 28 de fevereiro de 1740 ».

C) A « ACADEMIA DOS SELECTOS

Com este presumpçoso titulo, estabeleceu-se nesta cidade, em fins de 1751 ou nos primeiros dias de 1752, uma associação litteraria, — quintessencia do já decaido cultismo lusi-

(2) Affirma o visconde de S. Leopoldo que o autor se decidiu pela *Temperança*.

(3) Matheus Saraiva assim informa, immodestamente, na carta atrás mencionada: — « Em a Academia dos Felizes nos distinguimos entre todos no ferir dos termos, e estudos destes, de sorte que o general Gomes Freire, reconhecendo esta e aquella singularidade, nos pediu publicamente em a sala dos tenentes generaes que haviamos de presidir em uma Academia no dia de annos da Senhora Rainha, para que então fosse mais plausivel que é a oração que envio, e as mais que recitei na Academia referida ».

tano,— e cuja unica memoravel manifestação de vida se limitou á homenagem prestada a Gomes Freire de Andrada, o qual, governando desde 26 de junho a capitania do Rio de Janeiro, fôra então promovido ao posto de mestre de campo general e nomeado commissario da demarcação dos limites meridionaes do Brasil, oriundos do tratado de 13 de janeiro de 1750, celebrado entre Portugal e Hespanha.

Não nos é possível tratar desta ephemera tentativa sem os magnificos subsidios que sobre a mesma colligiu, com a proficiencia que o distinguia, o erudito Joaquim Norberto de Sousa Silva, e que se encontram de pags. 363 a 376 do tomo XV da « Revista Popular » (Rio de Janeiro, 1862).

Foi um brasileiro, Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, muito estimado pelo governador e homem instruido (4), quem teve a idéia do *Acto academico panegyrico*, consagrado ao futuro conde de Bobadella, e foi ainda elle quem obteve acceitasse a presidencia o padre-mestre Francisco de Faria, jesuita, ficando como secretario o dr. Manuel Tavares de Siqueira e Sá (5), ex-ouvidor geral da comarca de Paranaguá, escolhas afinal approvadas por Gomes Freire.

Marcada a solennidade para 30 de janeiro de 1752, a todos os academicos de numero foi dirigida pelo secretario uma carta-circular, dando-lhes instrucções sobre os trabalhos, que deviam ser entregues até ao dia 25. Já ahi se esclarecia que os epigrammas seriam em latim e que os sonetos, oitavas e romances endecasyllabos seriam em portugûes e hespanhol.

Os assumptos, formulados pelo presidente da Academia, parece que de collaboração com Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, dividiram-se em tres categorias, sob o nome de « maximas », e visando todos á pessoa do homenageado. As maximas christãs eram: 1) « A primeira parte do tempo

(4) Escreveu, segundo J. Norberto, as obras seguintes: — « Relação panegyrica dedicada a Gomes Freire de Andrada, sobre a procissão do triumpho feita pelas freiras do novo convento de Nossa Senhora da Ajuda » e « Discurso critico, politico e historico contra a loquacidade vaidosa, a favor do silencio prudente, dedicado ao mestre de campo André Ribeiro Coitinho ».

(5) O ignaciano e o magistrado eram ambos brasileiros, sendo aquelle natural da Bahia.

para Deus»; 2) « Fundar casa em Deus »; 3) « Attribuir tudo a Deus »; 4) « O que se dá a Deus dal-o totalmente »; 5) « A virtude de quem governa deve ser publica ». As maximas politicas eram: 1) « A verdade é a alma das acções »; 2) « Do povo só o respeito »; 3) « Fazer-se temido pela justiça e amado pelos beneficios »; 4) « Vagaroso em resolver, constante em executar »; 5) « Merecer o premio, mas não pedil-o ». As maximas militares eram: 1) « A verdadeira gloria pelas armas »; 2) « Amar igualmente a honra e o perigo »; 3) « Na paz e na guerra a mesma vigilancia »; 4) « Valor e diligencia seguram a victoria »; 5) « Do inimigo receiar sempre ».

No dia designado, realizou-se a pomposa festa, a que assistiu a melhor sociedade. Abriu a sessão o presidente com uma *oração panegyrica* ao general Gomes Freire de Andrada, seguindo-se-lhe o secretario, que recitou umas oitavas, com pretensão a camoneanas. E, quando se esperava que cada um dos academicos lesse a respectiva producção, foi o proprio dr. Siqueira e Sá quem se encarregou de tal mistér; mas, sendo grande o numero dellas, sentiu-se elle fatigado, ficando a maior parte sobre a mesa, com grande desapontamento dos autores.

Todas essas lucubrações foram logo depois (1754) reunidas em volume, hoje bastante raro (de que o Instituto Historico possui um exemplar), impresso em Lisboa, in-4º, com o titulo seguinte: — « Jubilos da America na gloriosa exaltação e promoção do Illmo. e Exmo. Sr. Gomes Freire de Andrada. Collecção das obras da academia dos Selectos, que na cidade do Rio de Janeiro se celebrou em obsequio e applauso do dito Exmo. heróe. Dedicada e offerecida ao Sr. José Antonio Freire de Andrada pelo Dr. Manoel Tavares de Siqueira e Sá ».

Como interessante catalogo da nossa literatura de meados do seculo XVIII, cumpre recensar o conteúdo da preciosa collectanea, o que vamos fazer, servindo-nos das pacientes notas de J. Norberto: — O presidente, além da citada « oração panegyrica », escreveu tambem um soneto; o secretario, fóra as referidas oitavas, que eram ao todo

dezoito, ainda forneceu um epigramma latino e trinta e dois sonetos, tendo igualmente traçado a dedicatória e o prologo; o rev. dr. Miguel da Costa Ribeiro concorreu com um soneto em castelhano, um romance em versos endecasyllabos e um romance heroico; o capitão Thomás José Homem de Brito, português, entrou com cinco sonetos; o rev. padre Antonio Nunes de Siqueira, grande erudito, foi quem lembrou o titulo da obra e quem corrigiu a maior parte das poesias, tendo, por sua vez, contribuido com um romance em verso endecasyllabo, tres sonetos em vernaculo, um epigramma em latim e um romance em louvor do secretario; o dr. Francisco de Almeida Jordão, tambem reinol, e citado por Barbosa Machado, na « Bibliotheca Lusitana », II, como traductor de varias obras juridicas, remetteu dois romances endecasyllabos, dois sonetos em vernaculo, um em hespanhol e uma decima dedicada ao secretario; o dr. Matheus Saraiva, já nosso conhecido da *Academia dos Felizes*, forneceu sete sonetos; o dr. Simão Pereira de Sá (6), tambem do cenaculo de 1736, um romance heroico; o dr. Antonio Antunes de Menezes, tres epigrammas latinos, uma oitava, cinco sonetos e um romance heroico; o dr. Fernando José da Cunha Pereira, um romance endecasyllabo em louvor do secretario; o dr. Francisco Correia Leal, dois epigrammas latinos; o dr. João de Castilho de Sousa Botafogo, um romance endecasyllabo; o dr. Pedro da Silva Rosa, cinco sonetos (dos quaes quatro em português e um em hespanhol), decimas dedicadas ao presidente e o canto « Isla de las Cuebras »; o dr. Thomás Rubí de Barros Barreto, varias poesias; o padre-mestre Antonio José Gomes da Costa, fluminense, o « Applauso metrico » e um soneto dedicado ao secretario;

(6) Diz J. Norberto que o dr. Simão Pereira de Sá, que era então procurador da corôa e fazenda e promotor do juizo da provedoria das capellas e residuos do Rio de Janeiro, era erudito e « gosava dos fóros de historiador ». E acrescenta:—« Tinha já escripto muitas obras, que esperava dar ao prélo, taes como *Historia topographica e bellica da nova colonia do Sacramento do Rio da Prata e Sabedoria perfeita e tardes conversadas*. Tambem trabalhava na *Historia chronologica do bispado do Rio de Janeiro* e outras muitas obras ».

o padre-mestre Domingos Lourenço de Castro, sete sonetos; o padre-mestre Rodrigo de Seixas Brandão, um soneto; o capitão Antonio da Silva Cordeiro, um soneto, um romance endecasyllabo, oito oitavas e o canto « Sitio da Colonia »; fr. Manuel de Nossa Senhora do Monte do Carmo, dois sonetos; fr. Manuel da Encarnação, chamado o « Clerigo », um epigramma latino e um soneto; José Pereira Leão, um soneto; e a musa religiosa occultou-se quasi toda no anonymato, tendo os jesuitas figurado com poesias nas tres linguas marcadas, os beneditinos com versos em latim e portuguezs, os franciscanos e carmelitas com producções sómente no idioma do Lacio.

A' solennidade tambem compareceu a poetisa d. Angela do Amaral Rangel, natural do Rio de Janeiro, e cega de nascença, que figura nos « Jubilos da America » com dois sonetos em vernaculo e dois romances lyricos em castelhano.

Deixaram, por varios motivos, de assistir á sessão litteraria, mas enviaram escriptos que se enfeixaram no livro famoso:— o dr. Gaspar Gonçalves de Araujo, deão da sé, que mandou uma carta ao secretario; o dr. Roberto Car Ribeiro, desembargador dos agravos da casa da supplicação e juiz do fisco, que remetteu cinco sonetos, tres em hespanhol e dois em portuguezs; o dr. Ignacio Gomes de Lyra Varella, quatro sonetos; o rev. capellão Antonio Esteves Ribeiro, um soneto; o rev. dr. Ignacio Manuel da Costa Mascarenhas, vigario da Candelaria, carta ao secretario; o dr. Manuel da Cunha de Andrada e Sousa, cujo nome figura na « Bibliotheca Lusitana » e que era então juiz-de-fóra da villa de Santos, interessante carta ao secretario, na qual dizia preferir ao titulo « Jubilos da America » o de « Côro das musas fluvianas »; e João da Affonseca da Cruz, provedor da real fazenda e intendente das minas de Cuyabá, portuguezs, e familiar do santo-officio, tambem longa carta encomiastica do secretario.

Como se acaba de ver, quasi toda a anthologia de rimas visava a honrar o illustre Andrada, que governava ao tempo a colonia luso-americana. Mas, — como bem assignala J. Norberto, — mal imaginavam os reputados versejadores da festa

de 30 de janeiro de 1752 que um simples menino de doze annos, que alli os escutava, havia em breve de attingir ao fim e conquistar a gloria que não logrou toda a vaidosa *Academia dos Selectos*. Era José Basilio da Gama. O seu « Uruguay » immortalizou a Gomes Freire e immortalizou-se, ao passo que só os amantes de velharias é que se abalançam a ler os « Jubilos da America »...

D) A « ACADEMIA BRASILICA DOS RENASCIDOS »

Graças aos documentos que o então conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, depois barão do mesmo appellido, offereceu ac nosso Instituto Historico, assim como mercê de escriptos especiaes do visconde de S. Leopoldo, do conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro, do dr. Luís Antonio Ferreira Gualberto, — todos insertos na « Revista », — e, mais recentemente, do dr. Alberto Lamego (« Autobiographia e ineditos de Claudio Manuel da Costa », ed. de Bruxellas-París), acham-se hoje sufficientemente esclarecidos a vida e feitos da mais notavel de todas as associações literarias apparecidas em nossa patria no seculo XVIII.

José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello (nascera em Faro a 22 de junho de 1730, formara-se em leis pela Universidade de Coimbra em 1755, abraçara tambem a carreira das armas e pertencera a varias academias de Hespanha e Portugal) fôra encarregado, pelo marquês de Pombal, de installar na Bahia dois tribunaes: o do Conselho de Estado e Guerra, sob a presidencia do vice-rei; e o da Mesa de Consciencia e Ordens, sob a presidencia do arcebispo.

Chegado em agosto de 1758 á capital da colonia luso-americana, onde logo se desempenhou de sua commissão, alli ainda encontrou varios sobreviventes da *Academia Brasilica dos Esquecidos*, como o rev. dr. Antonio Gonçalves Pereira, o rev. dr. Antonio de Oliveira, d. José de Miralles, Ignacio Barbosa Machado e capitão-mór João Teixeira de Mendonça.

Contando com a cooperação desses e de outros letrados, resolveu fundar a *Academia Brasilica dos Renascidos*, cuja denominação parece indicar uma revivescencia da anterior.

A primeira reunião deu-se em casa de Mascarenhas, a

19 de maio de 1759, tendo falado sobre o assumpto, além de outros oradores, o eloquente padre José Antonio Sarce. A maioria dos 37 presentes resolveu que a aggremação ficasse logo fundada; 32 delles foram declarados *academicos de numero* (devendo este ser depois elevado a 40), e cinco *supranumerarios* (7). Foram eleitos: — director, José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello; secretario e chanceller, Antonio Gomes Ferrão Castelbranco; pro-secretario e pro-chanceller, Bernardino Marques Almeida Arnizan (8); censores, João Borges de Barros (primeiro), fr. Ignacio de Sá Nazareth (segundo), José Pires de Carvalho e Albuquerque (terceiro) e João Ferreira de Bittencourt Sá (quarto). Ao director incumbiu-se a redacção dos estatutos.

A 6 de junho, ainda na mesma casa, realisou-se a segunda sessão, na qual foram approvados os estatutos (« estatutos bem pensados », conforme a expressão do visconde de Porto-Seguro) e postos em execução interinamente, até que viesse o *placet* regio (9). A Academia tomou por padroeira a Virgem da Conceição, por protector o rei d. José e por Mecenias o marquês de Pombal. A divisa era uma phenix fitando os olhos no céu com o distico — « *Multiplicabo dies* » —, em seguimento da qual figuravam varias aves americanas e europeas com as palavras de Claudiano:

« *Conveniunt aquilae, cunctaeque ex orbe volucres,
Ut solis connitentur avem.* »

(7) O visconde de S. Leopoldo, o conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro e o dr. Alberto Lamego affirmam que o total dos *supranumerarios* era 76; o visconde de Porto-Seguro dá 83; e o dr. Moreira de Azevedo diz que o numero era indeterminado. O catalogo, que adeante reproduzimos, menciona 83. Mas o ultimo dos citados escriptores é quem tem razão, pois o art. 43 dos estatutos, decide toda a duvida, tratando dos *academicos supranumerarios*, declara que « estes não terão numero certo ».

(8) Parece que este, cujo nome se grapha no catalogo *Bernardo Marques d'Almeida e Arnizan*, foi substituido logo depois pelo rev. dr. Antonio de Oliveira.

(9) Os referidos estatutos, copiados de um manuscripto da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, foram offerecidos ao Instituto Historico pelo visconde de S. Leopoldo e integralmente publicados na « Revista », t. XLV, 1882, pags. 49-67.

O sello destinado aos despachos, cartas e diplomas, representava a mesma phenix abrasando-se em chammas, com a letra — « *Ut vivam* » — e, na circumferencia, o titulo abreviado — « *Academ. Brazil. dos Renascidos* ».

Apesar de haver adoecido o director, José Mascarenhas, que teve de sujeitar-se á panacéa do tempo, isto é, a uma sangria, não deixou por isso de realizar-se a terceira reunião, que, a 21 de julho, foi presidida pelo 1º censor, João Borges de Barros, cujo cargo academico assim se equiparou ao de vice-director. Ahi se deliberou pedir ao soberano a confirmação dos estatutos (o que parece não ter conseguido a associação, que, com o beneplacito do monarcha, alcançaria o titulo de « *Real* ») e eleger director perpetuo a José Mascarenhas, por ter sido o seu fundador, alargando-se mais o papel do gremio, que se dispoz a responder a quaesquer consultas que lhe fossem dirigidas, e determinando-se prazo para os trabalhos dos socios residentes fóra da séde, de modo que chegassem annualmente á Academia os escriptos dos seus membros domiciliados na Europa e, trimestralmente, os dos moradores em terras americanas.

Só a 31 de julho é que ficou completa a lista dos effectivos e supranumerarios, que é a seguinte, extractada por nós da « *Revista do Inst. Hist. e Geogr.* », t. XXXII, 1869, p. 2ª, pags. 61-70, onde vem annexa á pequena, mas curiosa monographia que sobre a *Academia Brasilica dos Renascidos* alli estampou o conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro:

« Catalogo alphabetico dos academicos de numero da Academia Brasilica dos Renascidos, que ha de escrever a historia da America Portugueza. 31 de Julho de 1759. »

1) O Rev. Dr. Amaro Pereira de Paiva, presbytero do habito de S. Pedro, prégador, commissario do santo officio, juiz conservador dos religiosos beneditinos de Nossa Senhora da Graça da Bahia, e advogado nos auditorios da relação da mesma cidade.

2) Antonio Gomes Ferreira (aliás, *Ferrão*) Castelbranco,

fidalgo da casa real, sargento-mór do terço de auxiliares do reconcavo e cidadão da ordem dos vereadores da Bahia.

3) O Rev. Antonio Gonçalves Pereira, doutor theologo, desembargador da relação ecclesiastica da metropole, mestre-escola da sua sé primaz, commissario apostolico da bulla da santa cruzada em todo este arcebispado, examinador de confessores, prégadores e ordinarios, e seis vezes visitador geral da cidade da Bahia e seu reconcavo, juiz-commissario das dispensações, juiz conservador dos monges de S. Bento, academico que foi da Academia dos Esquecidos, e examinador de philosophos nos estudos geraes da companhia de Jesus.

4) Antonio José de Sousa Portugal, sargento-mór de um dos regimentos de infantaria da guarnição da Bahia, e cidadão da ordem dos vereadores da mesma cidade.

5) O Rev. Dr. Antonio de Oliveira, mestre em artes e theologo pelos estudos geraes do Brasil, e nelles muitas vezes examinador de philosophia, missionario apostolico de Sua Santidade, e duas vezes visitador geral neste arcebispado com poderes de chrismar por indulto do summo pontifice Benedicto XIV. Academico que foi da Academia dos Esquecidos.

6) O Rev. padre Fr. Antonio de Santa Eufrasia Barbosa, duas vezes prior do convento de Sergipe d'El-Rei, ex-reitor do collegio do Pilar na Bahia, ex-provincial e visitador geral da ordem dos religiosos carmelitas descalços.

7) O Rev. padre Fr. Antonio de Santa Maria Jaboaão, prégador e chronista-mór da sua seraphica provincia de Santo Antonio do Brasil e ex-difinidor da mesma.

8) Bernardo Marques d'Almeida e Arnizau (10), cavalleiro fidalgo, professo na ordem de Christo, familiar do santo officio do numero da inquisição de Lisboa, capitão de auxiliares da guarnição desta cidade, cidadão da ordem dos vereadores.

9) O Rev. Dr. Bernardo Germano d'Almeida, commissario do santo officio, desembargador da relação ecclesiastica

(10) O dr. Alberto Lamego escreve *Bernardino Marques Almeida Arnizan* (vide «Autobiographia e ineditos de Claudio Manoel da Costa», ed., de Bruxellas-Paris, pags. 12).

desta metropole, conego da sua sé primaz, juiz dos casamentos e procurador geral dos indios.

10) Bernardo José Jordão, capitão engenheiro.

11) O Rev. padre mestre Fr. Calixto de S. Caetano, ex-provincial dos religiosos beneditinos deste Estado.

12) Francisco Xavier de Araujo Lassos, mestre em artes e theologo, bacharel em *utroque jure*, formado pela universidade de Coimbra, examinador que foi muitas vezes de philosophia nos estudos geraes da companhia de Jesus, e quatro vezes vereador da camara desta cidade, em uma das quaes serviu de juiz pela ordenação, e de juiz de orphãos, e provedor das capellas e residuos, e dos defuntos e ausentes, e provedor da casa da santa misericordia.

13) O Rev. padre Fr. Francisco Xavier Feijó, monge de S. Bento.

14) O Rev. padre Fr. Ignacio de Sá e Nazareth, examinador das ordens militares pelo supremo tribunal da mesa da consciencia e ordens, mestre jubilado na sagrada theologia, ex-primeiro definidor na sua religião de Nossa Senhora do Carmo, reitor no seu collegio de Nossa Senhora do Pilar na cidade da Bahia, examinador neste arcebispado.

15) O Rev. Dr. João Borges de Barros, primeiro desembargador numerario da relação ecclesiastica desta metropole, thesoureiro-mór da sua cathedral, e repetidas vezes visitador desta cidade e arcebispado do Brasil, e ex-governador do mesmo arcebispado.

16) João de Couros Carneiro, escrivão proprietario da camara desta cidade.

17) O Dr. João Ferreira Bittencourt e Sá, juiz de fóra do civil e crime desta cidade.

18) O Dr. João Pedro Henriques da Silva, desembargador dos aggravos da relação da Bahia.

19) O Rev. padre mestre Fr. João de S. Bento, duas vezes ex-provincial, visitador geral dos carmelitas calçados, e actual prior do convento capitular de Nossa Senhora do Carmo da Bahia, do qual já tinha sido outra vez prior.

20) José Alvares da Silva Lisboa, homem de negocio da praça desta cidade.

21) José Antonio Caldas, capitão engenheiro e academico da academia militar da Bahia.

22) O Rev. José Antonio Sarre (aliás, *Sarce*), mestre em artes, bacharel em sagrados canones, examinador dos bachareis e licenciados em philosophia nos estudos geraes da companhia nesta capital, e na do Rio de Janeiro, presbytero secular luteranense, natural do reino do Algarve.

23) O Rev. Dr. José Corrêa da Costa, presbytero secular e advogado nos auditorios desta cidade.

O Dr. José Felix de Moraes, medico do partido de Sua Magestade, (Foi riscado por indigno deste emprego).

24) José Lopes Ferreira, inspector da mesa da inspecção desta cidade pela corporação dos homens de negocio.

25) José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, moço fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, do conselho de Sua Magestade, e do ultramar, deputado da mesa da consciencia e ordens, juiz executôr da real fazenda da bulla da santa cruzada, academico de numero da academia real de historia de Hespanha em Madrid, e de geographia e mathematica de cavalleiros de Valladolid e Salamanca, e doutor em leis pela universidade de Coimbra.

26) D. José de Miralles, tenente-coronel de um dos regimentos de infantaria da guarnição desta cidade, academico que foi dos Esquecidos da Bahia.

27) O Rev. padre Fr. José da Natividade e Figueiredo, monge de S. Bento e prégador geral da sua religião.

28) O Rev. Dr. José de Oliveira Bessa, conego, na sé primaz desta metropole, ex-visitador do reconcavo e examinador de philosophia nos estudos geraes da companhia.

29) José Pires de Carvalho e Albuquerque, fidalgo da casa de Sua Magestade, doutor em sagrados canones pela universidade de Coimbra, ouvidor e provedor que foi da comarca de Alemquer, cavalleiro professo na ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Maragogyne, e secretario do Estado e guerra do Brasil.

30) O Rev. padre Fr. José dos Santos Cosme e Damião, examinador das ordens militares pelo supremo tribunal da mesa de consciencia e ordens, mestre de sagrada theologia,

ex-definidor da sua provincia de Santo Antonio do Brasil da ordem seraphica, examinador do arcebispado da Bahia e bispado de Pernambuco, e qualificador do santo officio pelo supremo tribunal da santa inquisição de Lisboa.

31) O Rev. Dr. José Telles de Menezes, conego na primaz desta metropole.

32) O Dr. Luiz José de Chaves, que foi physico-mór do Estado da India.

33) O Rev. Manoel Ferreira Neves, presbytéro secular, e mestre em artes.

34) O Rev. padre Fr. Manoel de Jesus Maria de Sousa, religioso dos carmelitas calçados do Brasil, prégador e chronista-mór de sua religião.

35) O Rev. padre Fr. Manoel de Jesus Maria Pinto, mestre presentado, e actual lente de theologia na sua religião de Nossa Senhora do Carmo.

36) O Rev. padre Fr. Pascoal da Resurreição, monge de S. Bento, e doutor jubilado em sagrada theologia.

37) Rodrigo de Argollo Vargas Cirne e Menezes, coronel de um dos regimentos de cavallaria do reconcavo.

38) Rodrigo da Costa de Almeida, cavalleiro professo na ordem de Christo, cidadão da ordem dos vereadores, lugar que occupou duas vezes na camara da Bahia, provedor proprietario da alfandega da mesma cidade.

39) Silvestre de Oliveira Serpa.

40) O Rev. Dr. Wencesláo Pinto de Magalhães Fontoura, desembargador da relação ecclesiastica, e vigario da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, ex-visitador do sertão de baixo e da cidade de Sergipe d'El-Rei, e examinador de philosophos nos estudos geraes da companhia.

MAX FLEIUSS.

(Continúa)

AS PRINCIPAES ASSOCIAÇÕES LITERARIAS E SCIENTIFICAS DO BRAZIL
(1724-1838)

(Continuação)

*Catalogo dos academicos supranumerarios da
Academia Brasilica dos Renascidos. 31 de Julho de
1759.*

1) D. Agostinho de Montiano y Loyondo, do conselho de Sua Magestade Catholica e seu secretario de graça e justiça, director perpetuo da academia real da historia de Hespanha, numerario da academia da lingua hespanhola, e da de bellas-artes de Sevilha, senielario na das bellas-artes da côrte de Madrid, supranumerario da de Barcellona, e entre os academicos arcades de Roma socio com o titulo Leghinto Dulichio.

2) O Rev. padre mestre Fr. Alexandre da Purificação, lente de theologia no seu mosteiro beneditino de Pernambuco.

3) O muito reverendo Dr. Antonio Bernardo de Almeida, natural da cidade da Bahia, lente de vespervas de canomes na universidade de Coimbra, deputado do santo officio, conego doutoral na Sé de Braga, collegial e muitas vezes reitor do collegio pontificio de S. Pedro, socio da academia liturgica pontificia.

4) O Rev. padre Antonio Cordeiro, mestre da sagrada theologia na congregação do oratorio de S. Philippe Nery.

5) O Rev. padre Antonio da Costa, mestre da sagrada theologia na congregação do oratorio de S. Philippe Nery, e proposito actual do seu convento no Recife.

6) Antonio Felix Mendes.

7) O Dr. Antonio Ferreira Gil, que foi desembargador de agravos e ouvidor geral do civil na relação da Bahia, e juiz commissario das execuções da fazenda real.

8) O Rev. Antonio Ferreira Mendes, vigario da freguezia de Nossa Senhora da Madre de Deus do Boqueirão.

9) Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, fidalgo da casa de Sua Magestade, cavalleiro da ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Iguarassú e Goyana, e tenente-coronel do regimento da praça de Olinda.

10) Antonio Joaquim de Araujo Vellasco Leite.

11) Antonio José Xavier Pacheco de Sousa, fidalgo da casa real, commendador da commenda de Santa Maria Moreira, na ordem de Christo.

12) Antonio Luiz Lisboa, intendente da real casa da fundição das minas de S. Felix dos Goyazes, e bacharel formado pela universidade de Coimbra.

13) Antonio Pereira Corrêa, vigario da vara, e da parochial igreja de Joseph nas minas dos Tocantins dos Goyazes.

14) Antonio Pereira de Viveiros, fidalgo da casa real e procurador da cidade de Lisboa.

15) O Rev. padre Antonio Rodrigues Nogueira, visittador actual do sertão de baixo deste arcebispado, que foi vigario collado da freguezia de Santo Estevão de Jacuipe, e da camara de Sua Alteza Real o Sr. Infante D. Manoel, deputado do tribunal da junta dos tres Estados, academico hoje da igreja do Espírito-Santo da villa Nova Abrantes.

16) Antonio de Saldanha de Albuquerque, gentil-homem da academia dos occultos, da academia real da historia portugueza, e da liturgica pontificia dos sagrados ritos, e historia ecclesiastica de Coimbra.

17) O Rev. padre mestre Fr. Antonio de S. Bernardo, monge de S. Bento, mestre jubilado na sagrada theologia, ex-abbade do seu mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro.

18) O Rev. padre mestre Fr. Antonio de Sampaio, religioso da provincia de Santo Antonio, e lente actual na religião.

19) Antonio Vieira de Mello.

20) O Rev. padre Fr. Bento da Apresentação, ex-guardião do convento de S. Francisco do Paraassú.

21) O Rev. Bento Luiz Pereira de Lençóes, vigario collado e da vara da freguezia de Jaguaripe.

22) O Dr. Claudio Manoel da Costa, morador na cidade de Marianna.

23) D. Domingos de Loureto Couto.

24) O Rev. Domingos da Silva Telles, presbytero secular e prégador.

25) Eleonor Cicile Gujon Disiers, que foi guarda-marinha de França, e é capitão de uma das companhias da mesma marinha e tenente de navio (ou capitão-tenente de mar e guerra das armadas de Sua Magestade Christianissima), major da esquadra francesa que se acha actualmente neste porto da Bahia commandada pelo cavalleiro Marnière, e academico numerario da academia estabelecida na cidade de Brest do reino de França.

26) D. Fernando de Velasco, desembargador do supremo tribunal da relação de Valhadolid, academico de numero das academias reaes de historia de Hespanha e de geographia e mathematica de cavalheiros de Valhadolid.

27) O Rev. padre Philippe Benicio, presbytero secular.

28) Philippe José da Gama, academico da real academia de historia portugueza, e official da secretaria de Estado dos negocios do reino.

29) O Dr. Francisco Alvares de Pina Bandeira e Mendonça.

30) Francisco Calmon, fidalgo da casa real.

31) Francisco Gomes de Abreu e Lima, fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, vereador eleito do senado da camara da Bahia, e provedor da saude.

32) O Rev. Dr. Francisco Guedes Cardoso de Menezes, chantre da cathedral de Pernambuco, e juiz dos conventos, secretario adjunto do Exm. Revm. Sr. bispo daquella diocese na reformação dos religiosos da companhia de Jesus.

18) O Rev. padre mestre Fr. Antonio de Sampaio, religioso da provincia de Santo Antonio, e lente actual na religião.

19) Antonio Vieira de Mello.

20) O Rev. padre Fr. Bento da Apresentação, ex-guardião do convento de S. Francisco do Paraassú.

21) O Rev. Bento Luiz Pereira de Lençóes, vigario collado e da vara da freguezia de Jaguaripe.

22) O Dr. Claudio Manoel da Costa, morador na cidade de Marianna.

23) D. Domingos de Loureto Couto.

24) O Rev. Domingos da Silva Telles, presbytero secular e prégador.

25) Eleonor Cicile Gujon Disiers, que foi guarda-marinha de França, e é capitão de uma das companhias da mesma marinha e tenente de navio (ou capitão-tenente de mar e guerra das armadas de Sua Magestade Christianissima), major da esquadra francesa que se acha actualmente neste porto da Bahia commandada pelo cavalleiro Marnière, e academico numerario da academia estabelecida na cidade de Brest do reino de França.

26) D. Fernando de Velasco, desembargador do supremo tribunal da relação de Valhadolid, academico de numero das academias reaes de historia de Hespanha e de geographia e mathematica de cavalheiros de Valhadolid.

27) O Rev. padre Philippe Benicio, presbytero secular.

28) Philippe José da Gama, academico da real academia de historia portugueza, e official da secretaria de Estado dos negocios do reino.

29) O Dr. Francisco Alvares de Pina Bandeira e Mendonça.

30) Francisco Calmon, fidalgo da casa real.

31) Francisco Gomes de Abreu e Lima, fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, vereador eleito do senado da camara da Bahia, e provedor da saude.

32) O Rev. Dr. Francisco Guedes Cardoso de Menezes, chantre da cathedral de Pernambuco, e juiz dos conventos, secretario adjunto do Exm. Revm. Sr. bispo daquella diocese na reformação dos religiosos da companhia de Jesus.

33) Francisco de Pina e Mello, moço fidalgo da casa real, academico da academia real de historia portugueza, e do congresso dos occultos de Lisboa.

34) Francisco de Sousa da Silva Alcanphorado Rebello, fidalgo da casa real e senhor da Illma. casa de Silva e da Torre de Frasão na provincia do Minho.

35) Francisco Velho da Costa, moço fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, alcaide-mór de Torres Novas, desembargador do Porto.

36) O padre Francisco Xavier Feijó, monge de S. Bento.

37) Francisco Xavier Leite, capitão-mór da ordenança da Villa Boa, capitania de Goyazes, e cavalleiro professo na ordem de Christo.

38) Francisco Xavier de Miranda Henriques, moço fidalgo da casa real e capitão-mór da Parahyba, que tambem foi capitão-mór do Ceará e Rio Grande do Norte.

39) O Rev. padre Fr. Fructuoso Pereira do Rosario, régador na religião carmelitana.

40) O Rev. padre Fr. Gaspar da Madre de Deus, monge de S. Bento, mestre jubilado na sagrada theologia.

41) O sargento-mór Jeronymo Mendes da Paz, intendente das minas novas Kiriris (aliás, *S. José dos Carirys*).

42) Ignacio Barbosa Machado, desembargador da casa da supplicação, academico de numero da academia real da historia portugueza e da academia liturgica pontificia de Coimbra, que foi academico e lente de historia militar na academia dos Esquecidos da Bahia.

43) O Dr. Ignacio da Fonseca Leal.

44) O Rev. padre Ignacio da Silva, mestre de theologia na congregação do oratorio de S. Philippe Nery.

45) João Pereira Velho do Amaral, ajudante de um regimento da guarnição do Recife.

46) João Manoel de Mello, moço fidalgo da casa real, academico da academia dos occultos de Lisboa, governador e capitão-general da capitania de Goyazes, do conselho de El-Rey Nosso Senhor.

47) D. João Manoel de Sontondery Zorrilla, collegial do collegio maior de Santo Ildefonso na universidade de Alcalá, conego doutoral da santa igreja de Segovia, e bibliothecario-

mór da real bibliotheca publica de Sua Magestade Catholica na côrte de Madrid, academico da academia real hespanhola, e academico honorario da academia das tres nobres artes na referida côrte.

48) O desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Alarcão e Mello (11), doutor nos sagrados canones pela universidade de Coimbra, oppositor ás cadeiras da mesma faculdade e ouvidor da comarca de S. Paulo.

49) João do Rego Castelbranco, capitão de infantaria na Paralyba.

50) O Rev. João Rodrigues de Almeida, presbytero secular e prégador.

51) O arcediogo João Rodrigues Pereira, bacharel formado nos sagrados canones pela universidade de Coimbra, primaz e dignidade da sé do Gram-Pará.

52) João de Sousa Tavares, bacharel formado pela universidade de Coimbra, advogado nos auditorios das minas de Paracatú.

53) O desembargador João Tavares de Abreu, cavalleiro professo na ordem de Christo, intendente do ouro e presidente da mesa da inspecção da cidade do Rio de Janeiro.

54) O capitão-mór João Teixeira de Mendonça, que foi do numero dos academicos Esquecidos da Bahia, cidadão que foi muitas vezes da ordem dos vereadores na camara da Bahia e proprietario de um dos officios de escrivão do civil da mesma cidade.

55) Joaquim Ignacio da Cruz, homem de negocio desta cidade.

56) José Alvaro Pereira Sodré, moço fidalgo da casa real e inspector da mesa da inspecção nomeado pela camara da Bahia.

57) José Caetano da Silva, de Loureiro, bacharel formado pela universidade de Coimbra.

58) O Rev. José Pacheco Pereira de Almeida e Vasconcellos, natural da cidade da Bahia, fidalgo capellão da casa

(11) Sobre este illustre brasileiro (nascido no Rio de Janeiro em 1722 e fallecido em Lisboa em 1799) e seus irmãos acham-se interessantissimos documentos no t. XXII da «Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Brasil», 1859, de pags. 451 a 485.

real, mestre em artes, e vigario da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Mato Dentro.

59) José de Seabra e Silva, moço fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, desembargador da casa da supplicação, juiz dos confiscados e ausentes, ouvidor das capellas d'El-Rei D. Affonso, fiscal da junta do commercio e da companhia do Gram-Pará e Maranhão, que serve de juiz executivo da bulla da santa cruzada.

60) O Rev. padre Fr. José dos Santos, carmelita.

61) O Rev. Fr. Leandro do Sacramento (12), mestre em theologia na sua provincia de Santo Antonio do Brasil, examinador das ordens militares pelo supremo tribunal da mesa da consciencia e ordens, e tambem examinador do arcebisado.

62) O Rev. Lopo Gomes de Abreu e Lima, fidalgo da casa de Sua Magestade, presbytero secular.

63) O Rev. padre Manoel Alves Pereira, vigario da freguezia de Nossa Senhora do Rosario da Barra do Rio de S. Francisco.

64) O Rev. padre Fr. Manoel do Cenaculo (13), doutor na sagrada theologia pela universidade de Coimbra, secretario na provincia da ordem terceira de S. Francisco, e academico do numero da academia marianna de Lisboa.

65) O Rev. Manoel de Cerqueira Torres, mestre em artes, theologo e presbytero secular.

66) Manoel Coelho de Carvalho, philosopho e theologo.

67) O Rev. Manoel Ferreira do Couto e Saboya, doutor pela universidade de Coimbra, desembargador da relação ecclesiastica do bispado do Porto e nelle juiz dos casamentos e do tombo da mitra.

68) Manoel Gomes de Lima, que foi secretario e é da academia real Portopolitana.

(12) Nasceu no Recife em 1738 e falleceu no Rio de Janeiro a 1º de julho de 1829. Distinguiu-se como naturalista, tendo sido director do Jardim Botânico desta cidade.

(13) Era parente do conselheiro José Mascarenhas, conforme assevera o dr. L. A. Ferreira Gualberto («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», t. LXX, p. 1ª, pag. 191). Nasceu em Lisboa em 1724 e falleceu em 1814. Foi escriptor fecundo.

69) O Rev. padre mestre Manoel de Macedo, natural do Brasil, religioso da congregação de S. Philippe Nery, e academico do numero da academia real da historia portugueza.

70) O padre Fr. Manoel Nunes, ex-provincial dos religiosos mercenarios do Maranhão.

71) Manoel Xavier Ala, cavalleiro professo na ordem de Christo, tenente-coronel de um dos regimentos de infantaria da guarnição da Bahia, cidadão que foi provedor da saude e da camara da mesma cidade.

72) O Rev. padre Fr. Matheus da Encarnação e Pina (14), ex-provincial dos monges de S. Bento no Brasil, doutor e mestre jubilado na sagrada theologia.

73) O Dr. Matheus de Saraiva, physico-mór do Rio de Janeiro.

74) O Dr. Miguel Luiz Teixeira da Cunha, natural do arcebispado da Bahia, vigario geral e provisor do bispado de Miranda.

75) D. Miguel de Medina, do conselho de Sua Magestade Catholica com honras de seu secretario, e actual contador-mór do novo tribunal de meyas annatas, espolias e vacantes ecclesiasticos de toda a monarchia de Hespanha, e academico de numero da academia real da historia em Madrid.

76) Pedro Dias Paes Leme (15), fidalgo da casa real, seu guarda-mór geral das minas, commendador das commendas de Alverca e de S. Euricio e Sonfim de Nespereira da ordem de Christo, e alcaide-mór da cidade da Bahia.

77) Pedro José da Silva Botelho, fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade no ultramar, academico da academia dos occultos de Lisboa, da academia real da historia portugueza, e da liturgica pontificia de Coimbra.

78) Pedro Leonino Mariz, natural do Brasil, intendente do ouro das Minas-Novas do Arassuahí.

(14) Nascera no Rio de Janeiro a 23 de agosto de 1687. Foi assiduo cultor das lettras, além de eloquente orador sacro.

(15) Baptizou-se em 1705 e falleceu em 1783. Era filho de Garcia Rodrigues Paes, o franqueador do «caminho novo entre o Rio de Janeiro e as Minas», e neto do «caçador das esmeraldas».

79) Romão Gromacho Falcão, cavalleiro professo na ordem de Christo.

80) O Rev. Fr. Salvador Corrêa de Sá (16), doutor em theologia pela universidade de Coimbra, ex-geral dos monges de S. Jeronymo, consultor da bulla da santa cruzada, academico da academia da historia portugueza, e da liturgica pontificia de Coimbra.

81) Sebastião Borges de Barros, cavalleiro professo na ordem de Christo e capitão-mór da villa de Santo Amaro.

82) O Rev. padre mestre D. Thomaz da Encarnação, natural da cidade da Bahia, conego regular lateranense, doutor na sagrada theologia pela universidade de Coimbra, lente de historia ecclesiastica no real collegio da sapiencia na mesma universidade, e censor nato da academia liturgica pontificia.

83) O Rev. Vicente da Costa Teixeira Bittencourt, mestre em artes, bacharel formado nos sagrados canones e presbytero secular, ex-visitador do reconcavo desta cidade da Bahia. »

Como se vê, a associação fundada por José Mascarenhas buscou para o seu seio os melhores espiritos, não só da colonia luso-americana, como tambem da peninsula iberica.

As reuniões passaram a effectuar-se ás tres horas da tarde, quinzenalmente, no convento dos Carmelitas.

Os fins do importante gremio, si fossem conseguidos, teriam dado ensejo ao mais completo esclarecimento da evolução de nossa patria, até ao começo da segunda metade do seculo XVIII.

Para que se faça idéa nitida da grandiosa empresa a que se propunha a *Academia Brasilica dos Renascidos*, é indispensavel trasladarmos para aqui, tal qual a extrahiu da secção de manuscriptos da hoje Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro o visconde de S. Leopoldo, a seguinte cópia que este annexou a um seu trabalho inserto no t. I da « Revista do Instituto » (1839) e que vem de pags. 68 a 76 da 3ª edição:

(16) Era filho do 2º visconde de Asseca e nasceu provavelmente em começo do seculo XVIII. Além de distincto prégador, era tambem apreciado poeta.

« DISTRIBUIÇÃO DOS EMPREGOS PARA OS QUAES A ACADEMIA DOS RENASCIDOS ELEGEU POR VOTOS CONFORMES, DEPOIS DE REPETIDAS CONFERENCIAS, A ALGUNS DE SEUS SOCIOS.

Memorias para a Historia Universal da nossa America, que se hão de escrever na lingua portugueza :

1. Para compor as do Pará e Maranhão, nas quaes capitánias generaes se incluem as capitánias do Caheté, Cametá, Cumã ou Tapuitapera, Ilha Grande de Joannes, etc. Destinaram cinco, só nominalmente dous, e os tres commetteram-se á escolha do Sr. bispo do Grão Pará, ao Sr. capitão general, e ao Sr. Governador.

2. Do governo do Piaguhi. F.....

3. Da capitania geral de Pernambuco, na qual se comprehendem as capitánias do Ceará, Rio Grande do Norte, Itamaracá, Parahyba, Pernambuco, Sirinhaem, Porto Calvo, Alagôas. Nominalmente cinco foram designados.

4. Da cidade de S. Christovão e de toda a capitania e comarca de Sergipe d'El-Rei. Nominalmente dous.

5. Da cidade de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos, capital de toda a America Portugueza, e de todo o districto desta capitania geral. Nominalmente dous, o Sr. Secretario Antonio Gomes Ferrão Castelbranco, e o Sr. censor José Pires de Carvalho e Albuquerque.

6. Da Jacobina e de todo o districto da sua ouvidoria, comprehendendo o Rio das Contas. Nominalmente dous.

7. Das tres capitánias dos Ilheos, Porto Seguro e Espírito Santo. Nominalmente dous.

8. Da capitania geral do Rio de Janeiro, comprehendendo as capitánias de Cabo Frio, Itacazes (*sic*, por *Goytacazes*), S. Vicente, Santos, S. Paulo, Santa Catharina, etc. Nominalmente tres socios.

9. Do bispado de Marianna, comprehendendo o districto do Rio das Mortes, S. José de Villa Rica do Ouro Preto, cidade de Marianna, Sabará ou Rio das Velhas. Nomeadamente quatro socios, entre elles Claudio Manoel da Costa e João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho.

10. Da villa do Principe e comarca do Serro-Frio, comprehendendo o Tejuco e as Minas Novas do Arasuhe (*sic*, por *Arassuahy*), etc., com as noticias dos diamantes e mais pedras preciosas. Destinados tres, e nomeadamente dous.

11. Dos Goyazes, Parnaguá, etc. Distribuidas a tres sem os nomes .

12. Da colonia do Sacramento, Rio Grande do Sul, Matto Grosso, Cuyabá, Uruguay. Distribuida a tres, mas só um nomeadamente, e nota a margem:—(Elegerá academicos supranumerarios para este emprego o Ex. Sr. conde de Bobadella).

Sem embargo de que cada um dos academicos deve tratar da historia universal respectiva ao districto de que está encarregado, pareceu á Academia eleger outros, que escrevessem compendios de algumas noticias, communicando mutuamente os estudos uns com outros, o que ordenou pela maneira seguinte:

13. Para compor na lingua portugueza as Memorias para a historia de todos os Indios da nossa America. Nomeadamente tres socios.

14. Da agricultura propria do paiz, especialmente do assucar, tabaco, e suás fabricas, etc. Tres dos socios nomeadamente.

15. Para a historia natural: comprehende os tres reinos animal, vegetal e mineral. Quatro socios nomeadamente.

16. As memorias genealogicas de toda a America portugueza. Quatro dos socios nomeadamente.

17. Das fortificações com planos, que for (*sic*) possivel. Um mappa geral da America Portugueza; outro das provincias que pertencem a Portugal, divididos depois em mappas particulares, um dos bispados, e outros de todas as capitánias, etc., de sorte que no dito mappa se conheça tambem a divisão das comarcas. Nomeadamente tres socios.

18. As memorias do estabelecimento, augmento e estado presente de todos os corpos militares que ha e tem havido na America Portugueza, com os mappas geraes e particulares do estado presente das tropas, dos soldos que vencem (porque tambem comprehendem os auxiliares e ordenanças), da gra-

duação dos postos, e dos privilegios especiaes que tenham sido concedidos aos militares. Destinados cinco socios, mas quatro nomeadamente.

19. As Memorias para a historia de todos os tribunaes, e mais ministros da justiça e fazenda, que ha e tem havido no Brasil, com a noticia do seu estabelecimento e da divisão das suas respectivas jurisdicções. Designados nomeadamente cinco socios.

20. As Memorias para a historia do commercio assim activo como passivo, etc., com uma noticia individual de todas as rendas reaes, declarando as que andam por contracto, quem as cobra, os diversos modos por que tem sido administradas, o augmento ou diminuição que tiveram desde sua origem, e o numero de escravo^e que tem entrado e entram em cada anno na nossa America. Nomeadamente cinco membros.

21. As Memorias para a historia do nosso Augusto Soberano e protector da Academia dos Renascidos, o muito alto e muito poderoso rei D. José 1^o, pai da patria. Nomeadamente dous membros.

22. As Noticias Chronologicas, com as memorias do estado presente ecclesiastico, assim secular como regular em toda a America Portugueza, incluindo a noticia de todas as igrejas e ermidas, dos conventos de religiosos e religiosas, com o numero actual destes e dos clerigos seculares em cada um dos conventos ou parochias, e a noticia que fôr possivel das suas congruas, rendimentos ou ordinarias. As aldeas de Indios que houver em cada um dos bispados, ou que administrar cada uma das religiões, o numero de vizinhos de cada uma das parochias, declarando tambem o numero de habitantes, individuando quantos são de um e outro sexo, catalogo dos bispos provinciaes e mais prelados superiores que tem havido em cada diocese, e em cada provincia das religiões. Os varões notaveis em virtudes ou lettras, os quaes escreveram algumas obras, que andem impressas, ou se conservem manuscriptas, etc.

N. B. Não se designam nomes e numero para colaboradores.

23. Da religião benedictina. Nomeadamente quatro socios.
24. Da religião carmelita. Nomeadamente tres socios.
25. Da reforma de Santa Thereza. Nomeadamente dous socios.
26. Da reforma da observancia dos Torões. Nomeadamente dous socios.
27. Da religião seraphica. Nomeadamente tres socios.
28. Da reforma dos Barbadinhos Francezes e Italianos. Nomeadamente dous socios.
29. De todos os hospícios de vice-commissarios da Terra Santa. Nomeadamente dous socios.
30. Da companhia de Jesus. Nomeadamente tres socios.
31. Da congregação do oratorio de S. Felippe Nery. Nomeadamente quatro socios.
32. Dos religiosos mercenarios. Nomeadamente um, e outros dous á escolha do bispo do Grão-Pará.
33. Da religião de S. João de Deus. Nomeadamente um socio.
34. Do bispado do Grão-Pará. Nomeadamente um, e dous outros á escolha do bispo do Pará.
35. Do bispado do Maranhão. Nomeadamente um, e os outros dous á escolha do bispo do Pará.
36. Do bispado de Pernambuco. Nomeadamente tres socios.
37. Do arcebispado da Bahia. Nomeadamente dous membros.
38. Do bispado do Rio de Janeiro. Nomeadamente dous socios.
39. Do bispado de S. Paulo. Nomeadamente um socio.
40. Do bispado de Marianna. Nomeadamente dous, e outro *ad libitum*.
41. Do bispado de Angola, suffraganeo da Bahia. Nomeadamente dous membros, e o 3º á eleição do capitão general daquelle reino.
42. Do bispado de S. Thomé, suffraganeo da Bahia. Nomeadamente um, e o outro commettida a eleição do capitão general daquellas ilhas.

43. De todos os conventos de religiosas e recolhidas d'America Portugueza. Nomeadamente dous membros.

44. Noticias de todas as guerras, que tenham havido (*sic*) na nossa America. Nomeadamente dous membros.

45. Uma collecção de todas as leis, ordens regias, espedidas para America, e os tratados de paz e de commercio respectivos a este continente, desde o seu descobrimento até o presente, com as noticias que parecerem convenientes para sua melhor intelligencia. Nomeadamente dous membros.

46. Para examinar os livros da camara desta cidade (da Bahia) e tirar do seu archivo as noticias chronologicas, que se puderem descobrir, concernentes ás nossas memorias historicas. Nomeadamente tres membros.

47. Para compor na lingua portugueza as Memorias historicas para a Bibliotheca Brasilica, incluindo todos os auctores naturaes do Brasil, e todos que escrevessem na America, ainda que não fossem naturaes da mesma, e os que ex-professo escrevessem da America em qualquer parte do mundo, ou as suas obras se achem impressas ou manuscriptas. Foram escolhidos nomeadamente quatro membros.

48. Para compor a Bibliotheca Brasilica na lingua latina. Elegeu-se um membro.

49. Para declarar na primeira conferencia publica, em um breve discurso, os motivos por que o nosso congresso elegeu o nome de *Academia dos Renascidos* e a empreza o sello de que usa. Elegeu-se um membro.

50. Para compor os estatutos da Academia, e apresental-os em congresso para se approvarem ou emendarem. Escolheu um de seus membros para isso.

51. Para repartir entre os academicos o trabalho das nossas composições, e eleger os assumptos sobre que cada um deve discorrer. O Sr. director José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Para o que fará uma junta particular com os Srs. censores e secretarios, propondo depois tudo á Academia, para que approve o que lhe parecer.

52. Para compor as Memorias historicas da Academia, juntando as noticias das conferencias respectivas ás obras que nella se recitarem. O Sr. secretario Antonio Gomes Ferrão Castelbranco, o Sr. Antonio de Oliveira, e o Sr. An-

tonio Rodrigues Nogueira, que ambos são visitantes actuaes deste arcebispado, escreverão as noticias mais exactas que lhes fôr possível, de todas as terras por onde fizeram jornada no tempo das suas visitas, e irão remettendo á Academia.

Dissertações distribuidas pelos socios da Academia dos Renascidos;

53. Para recitar o discurso panegyrico na primeira conferencia publica da Academia em observancia dos §§ 12, 15 e 18 dos estatutos. O Sr. director José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Os assumptos para esta conferencia, em que se hão de celebrar os annos de El-Rei Nosso Senhor, se darão em papel á parte.

54. Em 23 de Junho do corrente anno de 1759 se ha de dissertar na Academia: « Quaes foram os motivos de se ausentar desta cidade da Bahia o seu primeiro bispo? E como acabou a vida? » Dissertarão este ponto: são designados tres socios.

55. No mesmo dia se dissertará: « Si a esta capital se deu o nome de — Cidade de S. Salvador — ou sómente de — Cidade do Salvador —. E de qual destes se deve usar na historia da nossa America? » Dissertarão este ponto. Nomeados para isso tres socios.

56. Em 7 de Julho se ha de dissertar na Academia: « Quantas vezes, e em que partes da America Portugueza, se tem descoberto minas de salitre e em que tempo, e quem as descobriu? si eram abundantes? quanto distavam de algum porto de mar? e quaes foram os motivos por que se não continuou a tirar d'elle este precioso mineral? » Para dissertarem este ponto: tres socios nomeados.

57. Em 21 de Julho se ha de dissertar na Academia: « Si ha na America a planta sensitiva? E si é certo produzir-se nella a herva que abrande o ferro? como affirma certo auctor que se experimentára em a villa Nova Soure ». Para dissertarem sobre este ponto foram nomeados quatro socios.

58. No mesmo dia se dissertará: « Si é certo que ha nestes mares uma especie de peixe-agulha, que fura os costados do navio, como affirmam alguns autores? Para o que

examinará também um successo com a maior exacção respectivo a esta duvida, que se diz aconteceu a um dos navios da frota que se acha surto nesta bahia ». Para dissertarem este ponto foram nomeados tres socios.

59. Em 4 de Agosto se ha de dissertar na Academia: « Si a cochonilha pertence ao reino vegetal ou animal? e si se encontra este precioso genero na America Portugueza? — Si o coral pertence ao reino mineral ou ao vegetal? e si o ha no nosso continente? — Si também nestes estados ha bicho de seda? si nascem sem diligencia da arte, e de que se sustentam? » Nomeados quatro membros para dissertarem sobre estes pontos.

60. Em 18 de Agosto se ha de dissertar na Academia: « Quantos governadores interinos tem havido na Bahia? Quem eram, e o modo por que foram nomeados? E quanto tempo governaram? » Nomeados tres membros para dissertarem.

61. No mesmo dia se dissertará: « Quando se estabeleceu a primeira vez a Relação neste estado da Bahia? Quem foi o chanceller que a veiu crear? Quanto tempo durou o seu despacho? E porque se extinguiu? O motivo da segunda vez se erigir este tribunal, Como? Por quem? E em que tempo? » Nomeados quatro membros para dissertarem.

62. Em 1º de Setembro se ha de dissertar na Academia: « Si o primeiro Europeu, que descobriu este novo mundo, era Portuguez, Castelhana, Italiano ou Allemão? Quem foi o primeiro que aportou ao Brasil? Em que dia e anno se fizeram estes prodigiosos descobrimentos? » Nomeados cinco membros para dissertarem.

63. No mesmo dia se dissertará: « Em que se differença a significação destes nomes, Maranhão, Grão-Pará, Orelhana e Amazonas? A sua etymologia, e a do nome do Rio da Prata, e qual é a origem destes rios? » Nomeados tres membros para dissertarem.

64. Em 15 de Setembro se ha de dissertar na Academia: « Quem era a illustre heroína Catharina Alves (*sic*), seus pais, e seu marido? E porque se lhe pôz aquelle nome? » Nomeados quatro dos seus socios para este ponto.

65. No mesmo dia se dissertará: « Qual é a variedade das correntezas das aguas na costa do Brasil, desde o Rio

da Prata até o das Amazonas, e também as dos ventos geraes, que reinam em diversos tempos? Dando de tudo as noticias verdadeiras, bem examinadas, e as causas physicas». Nomeados seis dos seus membros para dissertarem. Neste dia se ha de resolver como se ha de celebrar a conferencia de 10 de Novembro.

66. Em 29 de Setembro se ha de dissertar na Academia: « Quem foi o primeiro que pregou o evangelho no novo mundo? Quem foi o segundo? E quem o primeiro que pregou no Brasil? » Nomeados cinco dos seus socios para este ponto.

67. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: « Si o descobrimento desta America, e a conversão dos seus habitantes, foram prophetisados por alguns santos padres, e prophcias do testamento velho e novo? » Nomeados tres dentre os seus membros para discorrerem.

68. Em 13 de Outubro se ha de dissertar na Academia: « Si é util ou prejudicial ás monarchias o diminuir-se os juros de dinheiro; por exemplo, de oito a quatro por cento, ou pelo contrario augmentar-se de quatro a oito por cento? E si é mais util fazer-se o commercio com inteira liberdade, ou por companhias bem estabelecidas? » Nomeados para estes pontos seis dos seus socios.

69. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: « Si nos monos do Brazil se dá instincto, ou especie de racionalidade, com alguma differença dos outros animaes? Para o que se dissertará em que consiste a alma dos brutos, ou serão machinas automatas? » Nomeados para dissertar cinco dos seus membros. Nesta conferencia se hão de distribuir os assumptos para a sessão publica de 17 de Dezembro.

70. Em 22 de Outubro se ha de dissertar na Academia: « Qual é a origem do Rio S. Francisco, e do Paraguay? Si este é o mesmo que o da Prata? E si aquelle forma naturalmente uma ponte de algumas leguas, mettendo-se por baixo da terra, á imitação do Guadiana? » Nomeados tres dentre os socios para dissertar.

71. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: « Si as linguas innumeraveis, que fallam os Indios da America, parecem dialetos de alguma que se supponha a primeira? Ou

si cada uma dellas se julga original?» Nomeados para dissertar quatro dentre os seus socios.

72. Na conferencia de 10 de Novembro. Ha de orar na Academia, em execução dos §§ 13 e 17 dos estatutos, o Sr. censor João Borges de Barros. E tendo-se composto alguns versos se lerão primeiro que as dissertações.

73. No mesmo dia se ha de dissertar: « Até onde se estenderão os limites da dignidade primacial, que compete a esta metropole? » Nomeados para este ponto cinco dos seus socios.

74. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: « Si este mundo novo é maior que as outras partes, Europa, Asia e Africa? » Nomeados para dissertar quatro dos socios.

75. Em 24 de Novembro se ha de dissertar na Academia: « Qual é mais antiga no Brasil, si a agricultura dos tabacos, ou das cannas? E qual foi o inventor dos engenhos de assucar e de reduzir a tabaco de pó aquella herva? E si poderá a machina dos ditos engenhos fazer-se de modo mais facil? » Para estes pontos foram nomeados quatro dos socios.

76. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: « Por que causa no Brasil não são tão grandes e frequentes os terremotos, como nas mais partes do mundo? » Nomeados para dissertar quatro socios.

77. Em 8 de Dezembro se ha de dissertar na Academia: « Si o diluvio universal comprehendeu esta parte do Mundo Novo chamada America? Ou si nella escaparam os seus habitantes? » Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

78. Na conferencia do mesmo dia dissertarão: « Si os engenhos e percepções dos habitantes da America Portugueza são mais prospicazes que os da Europa e outras partes do mundo? E por que causa? » Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

79. Em 17 de Dezembro, que ha de ser a ultima conferencia antes das ferias, ha de recitar um discurso panegyrico em execução dos §§ 12 e 13 dos estatutos o Sr. censor João (aliás, *José*) Pires de Carvalho e Albuquerque. Os assumptos da poesia, etc., para esta conferencia se darão em papel á parte.

80. No mesmo dia se ha de dissertar: « Quaes são as causas por que os antigos e alguns dos santos padres julgaram que este clima era inhabitavel, e impossivel por elle a navegação? » Nomeados para isso tres dos seus socios.

81. No mesmo dia se dissertará: « Si os Indios do Brasil são mais ferozes e rudes que os das Indias Occidentaes de Hespanha? E si os do Maranhão si differencam dos outros Americanos? » Nomeados para dissertar cinco dos seus socios. Nesta conferencia se hão de repartir os assumptos para a conferencia publica de 31 de Março.

82. Na conferencia de 31 de Março de 1760, que deve ser a primeira depois das ferias. Em execução dos §§ 12 e 13 dos estatutos recitará um discurso panegyrico o Sr. Fr. Ignacio de Sá Nazareth. Os assumptos de poesia para esta conferencia se darão em papel á parte.

83. Na conferencia de 12 de Abril se dissertará: « Si a America é ilha ou terra firme? E de que parte do mundo, e como vieram para este novo mundo os seus primeiros povoadores? » Nomeados para dissertar cinco dos socios.

84. No mesmo dia se dissertará: « De que causas procede a côr vermelha que tem os Indios do Brazil? E a preta da Ethiopia? » Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

85. Na mesma conferencia se dissertará: « Si os Indios do Brazil todos são imberbes, e a razão physica desta raridade? » Nomeados para este ponto tres dos socios. Nesta sessão se hão de repartir os assumptos para a conferencia publica de 6 de Junho, em que se celebra o anniversario de S. M. F., e para a conferencia particular de 13 de Maio, em que se ha de ler o panegyrico do nosso Mecenas.

86. Em 26 de Abril se ha de dissertar na Academia: « Si as terras da America Portugueza são mais fertes e abundantes que as da Europa e mais partes do mundo? E que variedades de climas ha neste Novo Mundo? » Nomeados para este ponto quatro dos seus socios.

87. No mesmo dia se dissertará: « Si tem alguma probabilidade a opinião de alguns auctores, que discorreram estava o Paraiso terreal neste Novo Mundo? » Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

88. Em 13 de Maio, dia em que finda o anno academico, ha de recitar um discurso panegyrico, em execução dos §§ 3, 13 e 19 dos estatutos, o Sr. censor João Ferreira Bittencourt e Sá. Havendo alguns versos se lerão primeiro que as dissertações. Neste dia se ha de fazer eleição de censores.

89. No mesmo dia se ha de dissertar na Academia: « Si na America existe o animal, de que dizem se tira a pedra carbunculo, ou si é fabula essa existencia? Si a ema ou avestruz digere no ventriculo o ferro? Si se acha no Brazil ambar? E que cousa é? E tambem o é o esparmacete? E si ha esmeralda em alguma parte do Brazil? » Nomeados para estes pontos cinco dos socios.

90. Todos os academicos, ou do numero ou supranumerarios, podem compor dissertação a cada um dos assumptos que se derem na Academia, ainda que lhes não seja distribuida, e se admittirá qualquer dissertação, ou outra obra, que offereça alguma pessoa estranha á Academia, e julgando esta que é digna, se imprimirá por appendice no fim de suas obras.

91. Ainda que os academicos ausentes não possam mandar suas obras para o dia destinado, as remetterão á Academia o mais breve que lhes fôr possivel, e na imprensa se collocarão nos seus proprios logares.

92. Cada um dos academicos mandará ao secretario da Academia as noticias que se poderem descobrir, e parecerem uteis ao nosso Instituto, para se distribuirem pelos socios a que estiverem encarregados os assumptos respectivos.

93. Depois de concluidas as Memorias Historicas se ha de compor a Historia Latina, que se dividirá entre os academicos seguintes, e os mais que então parecer conveniente.

Seguia-se a relação nominal de vinte e tres socios.

N. B.— Extractei de um manuscripto, que já principia a ser tocado do bicho (tinea) na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, Gabinete de MS., N. 66, Caixa 4ª ».

Assevera o Dr. Alberto Lamego possuir « interessantes documentos, que fazem inteira luz sobre os dias gloriosos da Academia. Grande cópia de trabalhos a ella apresentados, e que se consideravam inteiramente perdidos, breve gosarão do beneficio da impressão ». Oxalá preste o nosso illustre pa-

tricio, quanto antes, mais esse serviço ás nossas letras e á nossa historia!

O que se sabe, até agora, quanto á faina dos *Renascidos*, é que realizaram sessões, em 1759, a 4 e 18 de Agosto, 1, 15 e 23 de Setembro, 18 e 27 de Outubro, 10 e 24 de Novembro, 8 e 17 de Dezembro; e, em 1760, a 31 de Março, 12 e 26 de Abril.

Matou o florescente cenaculo o seu proprio Meccenas, o marquês de Pombal, com a prisão de José Mascarenhas (que o visconde de Porto-Seguro considera «mysteriosa», seguido ainda nesse parecer pelo muito erudito Dr. Affonso Taunay em seu francamente admiravel discurso sobre o centenario de frei Gaspar da Madre-de-Deus).

Com effeito, decretada em 3 de Setembro de 1759 a expulsão dos jesuitas de Portugal e seus dominios, assim como o confisco dos respectivos bens, aquelle magistrado, que já havia recebido a graça especial de membro ordinario do Conselho Ultramarino, foi incumbido, pelo grande e poderoso ministro, de syndicar das delapidações da fazenda publica, tanto na Bahia como no Rio de Janeiro, oriundas do sequestro das propriedades dos loyolistas. Ora, conhecidas as sympathias de Mascarenhas para com os ignacianos, dos quaes havia 18 na *Academia dos Renascidos*, e para com o arcebispo da Bahia, facil foi aos seus inimigos, que eram sobretudo os fraudadores do erario regio, tramarem contra elle, junto a Sebastião José de Carvalho e Mello, terrivel intriga, que logo produziu resultado. Não obstante achar-se enfermo e sob a acção de uma sangria, foi José Mascarenhas iutimado, por Gomes Freire, da ordem de prisão e em seguida encarcerado na fortaleza de Santa-Cruz, em Santa-Catharina, onde permaneceu durante 17 annos, sendo então transferido para a ilha das Cobras, desta cidade. Recuperando, afinal, a liberdade a 25 de Abril de 1777, seguiu para o reino, onde consta haver fallecido por 1788 (17).

(17) E' decisiva sobre esta materia a documentada monographia do dr. Luis Antonio Ferreira Gualberto, «Prisões clandestinas (seculo XVIII.—O conselheiro José Mascarenhas», inserta na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», t. LXX, 1908, p. 1^a, pags. 169-191.

Devem-se varias obras á *Academia Brasilica dos Renascidos*. Muitas, por certo, jazem sepultas na poeira dos archiv. Algumas, porém, foram impressas. Se entre estas não pôde ser arrolada a do socio supranumerario d. Domingos de Loreto Couto, « Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco » (*separata*), em 1904, dos vols. XXIV e XXV dos « Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro », por ter sido acabada em 1757, como consta da carta do autor a Pombal, nem a de fr. Antonio de Santa Maria Jaboação, o « Novo orbe serafico brasilico ou chronica dos frades menores da provincia do Brasil » (cuja lisbonense *editio princeps* é de 1761, mas pela licença da sua Ordem se vê que já estava concluida em meados de 1758), — assim não acontece com outras, hoje felizmente vindas a lume, e uma das quaes permaneceu longos annos no olvido.

Esta foi a « Historia Militar do Brasil. Desde o anno de mil quinhentos quarenta e nove, em q' teve principio a fund.^{am} da Cid.^o de S. Salv.^o Bahia de todos os Santos até o de 1762. Offerecida a El Rey Fidel.^{mo} D. Iozé o 1.^o N. S. composta por D. Iozé de Mirales Ten.^{to} Cor.^o de hum dos Regimentos da Goarnição da mesma Cidade do Salv.^o; e Academico numer.^o da Academia Brasilica dos Renascidos », — a qual fielmente se reproduziu no vol. XXII dos « Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro », em 1900, fazendo-se tambem logo uma *separata*.

Mas a primeira que se publicou, depois de ter passado, como prescreviam os estatutos, pelo rigor da censura, saiu em 1760 da officina lisbonense de Francisco Luis Ameno e trazia o titulo seguinte: — « Culto Metrico, Tributo Obsequioso, que ás aras da Sacratissima Pureza de Maria Santissima, Senhora Nossa e Mãe de Deos, dedica, offerece e consagra pelas sagradas Mãos do Exm. e Revm. Sr. D. José Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, Primaz dos Estados do Brazil, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, e presidente do Supremo Tribunal da Mesa de Consciencia e Ordens, dos seus escravos o mais rendido Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque, fidalgo da casa de Sua Magestade, doutor nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, ouvidor e provedor que foi da Comarca d'Alemquer, caval-

leiro professo na Ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Maragogippe, e secretario de Estado e Guerra do Brasil, Censor da Academia Brasilica dos Renascidos » (18).

Embora nos falleça subsidio por parte dos muitos autores que consultámos, — parece-nos justa a presumpção de haver o prospero cenaculo de 1759-1760 estimulado o seu socio supranumerario Fr. Gaspar da Madre-de-Deus a traçar os seus trabalhos sobre a historia da capitania de S. Vicente, julgando nós indiscutivel que na designação nominal constante do n. 9 da « Distribuição de empregos », atrás reestampada, hauriu Claudio Manuel da Costa, tambem supranumerario dos *Renascidos*, incentivo bastante para escrever o seu poema « Villa Rica », que (vide ed. de Ouro-Preto, 1839), com o interessante « Fundamento historico », foi ultimado em 1773.

(18) Este poema, consagrado á padroeira da Academia, mereceu do conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro o seguinte insuspeito juizo. é «...não passa d'uma insulsa narrativa da vida da Virgem Santissima desde a conceição até a assumção, recheado d'allegorias de pessimo gosto e entretecido d'antitheses e trocadilhos ».

MAX FLEIUSS.

(*Cóntinúa*).

AS PRINCIPAES ASSOCIAÇÕES LITERARIAS E SCIENTIFICAS DO BRASIL
(1724-1838)

(CONCLUSÃO)

E) A « ACADEMIA SCIENTIFICA DO RIO
DE JANEIRO »

Sob os auspícios do marquês de Lavradio, que desde 1769 exercia o cargo de vice-rei do Brasil, fundou-se nesta cidade uma *Academia Scientifica*, que teve os seus estatutos approvados em 1771 pelo alto representante da metropole, realizando a sua primeira sessão publica a 18 de fevereiro de 1772.

Tinha por fim não só tratar assumptos de physica, chimica, historia natural, medicina, cirurgia e pharmacia, como tambem de agricultura e de quanto se referisse ao interesse geral da colonia luso-americana.

Foi seu fundador e presidente o dr. José Henriques Ferreira, medico do vice-rei; e teve por secretario o cirurgião Luís Borges Salgado. Comprehedia tres classes: a de cirurgia, de que era director o cirurgião Mauricio da Costa; a de historia natural, de que era director o pharmaceutico An-

tonio Ribeiro de Paiva; e a de physica, chimica, pharmacia e agricultura, de que era director o pharmaceutico Manuel Joaquim Henriques de Paiva, irmão do antecedente. Devia reunir-se todas as semanas, e possuia um horto denominado « Botânico », sito dentro da cerca do extincto collegio dos jesuitas.

Na reunião inicial acima referida, realizada no palacio do vice-rei, com a presença deste e de outras pessoas graduadas, discutiram sobre o escopo e materias da aggremação todos os que compunham a sua directoria.

Consoante com as informações do visconde de S. Leopoldo (« Revista do Instituto », t. I, 3ª ed., pags. 65-67), de quem colhemos estes dados, foram dos fundadores da *Academia Scientifica* mais os medicos José Gonçalves Muzzi e Antonio Freire Ribeiro, os cirurgiões Ildefonso José da Costa Abreu e Antonio Mestre e o agricultor pratico Antonio José Castrioto, aos quaes se aggregaram depois outros sabios nacionaes e estrangeiros, tendo a associação encetado correspondencia com a Academia Real de Sciencias da Suecia (19).

Entre os assumptos praticos, de interesse peculiar do país, ventilados em suas sessões, distinguem-se os concernentes á cultura da cochonilha e do bicho de seda.

Durou infelizmente poucos annos a util associação, a cuja influencia attribue o visconde de S. Leopoldo a *Flora Fluminense* de Fr. José Mariano da Conceição Velloso.

(19) Segundo monsenhor Pizarro (« Memorias historicas do Rio de Janeiro », t. V, pags. 106), não só á *Academia Scientifica* se deve a cultura do anil, cochonilha, cacau, etc., no Brasil, como tambem a remessa de « um selecto hortario brasiliense », á Academia de Stockolmo pelos irmãos Paiva.

Sabe-se tambem (*vide* « Esquisse de l'Histoire du Brésil » do barão do Rio-Branco) que foi nos ultimos annos do governo de Gomes Freire de Andrada que o cafeeiro, trazido da Guyana Francesa ao Pará em 1727 e introduzido no Rio de Janeiro em 1762, começou a ser regularmente cultivado aqui. Explica completamente os factos relativos á vinda da utilissima rubiacea para o extremo norte do Brasil o interessantissimo trabalho que, com um bello prefacio do dr. Vieira Fazenda, acaba de publicar o erudito dr. Manuel Barata, sob o titulo « A antiga produção e exportação do Pará — Estudo historico-economico ».

F) A « SOCIEDADE LITERARIA DO RIO DE JANEIRO »

Surgiu no vice-reinado de Luís de Vasconcellos e Sousa, que delle aqui se empossara em 1779.

Discutidos os estatutos por diversos socios, sob a direcção do cirurgião Ildefonso José da Costa Abreu, foram afinal redigidos pelo poeta Manuel Ignacio da Silva Alvarenga e verbalmente approvados pelo vice-rei, de modo que a associação se installou regularmente a 6 de junho de 1786.

No primeiro anniversario da sua fundação, estava ella sob a presidencia de Joaquim José de Athayde. O discurso deste, fazendo o relatorio dos dois mezes anteriores (discurso impresso na « Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras. », t. XLV, 1882, pags. 69-76), menciona, além de outros trabalhos, os seguintes então devidos á *Sociedade Literaria*, que antes parecia uma revivescencia da *Academia Scientifica*: — duas memorias sobre o eclipse total da lua, observado no Rio de Janeiro a 3 de fevereiro de 1787, ficando determinada, por meio delle, a longitude da dita cidade; outras duas sobre o calor da terra, considerado physicamente, e sobre o fogo central; uma relativa ás fricções, como processo hygienico e meio curativo; duas outras sobre analyse da agua; duas mais sobre os danos e proveitos resultantes do uso da aguardente e licores espirituosos; e outra, finalmente, sobre o methodo de extrahir a tinta do urucú.

Consta que a prestante aggremação trabalhou até meiadados de 1790, data em que regressou para Portugal Luís de Vasconcellos e Sousa.

Substituido, este, nessa occasião, pelo conde de Rezende, só em junho de 1794 foi que o novo representante da metropole permittiu se reencetassem as sessões da meritoria associação. Passou ella a funcionar no predio n. 78 da rua do Cano (hoje, Sete de Setembro), em cujo segundo andar residia Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, professor regio de rhetorica e a cargo de quem estavam a bibliotheca e os objectos de historia natural, pertencentes á *Sociedade*. Sabe-

se que faziam parte della, além de outros, o professor de grego João Marques Pinto, o medico Jacinto José da Silva, o cirurgião Vicente Gomes, o dr. Mariano José Pereira da Fonseca (mais tarde, no Imperio, marquês de Maricá), por alcunha o « Biscoitinho », e o mestre de latim João Manso.

Poucos meses durou essa nova phase da *Literaria*, porque o vice-rei, informado de que nella se tratava principalmente de assumptos politicos e religiosos, que a transformavam numa especie de perigoso club reaccionario, mandou dissolver-a, « sob pretexto de desavenças que se deram nas conferencias » (conforme diz J. Norberto, em seu trabalho « Noticia sobre a vida e obras de M. I. da Silva Alvarenga », lido no Instituto Historico a 24 de outubro de 1862).

Apesar da experiencia, então recentissima, da mallograda conjuração mineira, — Silva Alvarenga e seus companheiros, que já chamavam o conde de Rezende de « conde de Resinga », imbuidos das idéias das escolas philosophicas do seculo da revolução que proclamara os direitos do homem, resolveram constituir-se em sociedade secreta, cujos estatutos foram logo organizados.

Mas, denunciada a existencia dos conciliabulos clandestinos, bem como os seus fins, por um certo José Bernardo da Silveira Frade, em dezembro de 1794, foram presos M. I. da Silva Alvarenga, Jacinto José da Silva, M. J. Pereira da Fonseca, João Marques Pinto, Antonio Gonçalves dos Santos, Francisco Coelho Solano, João da Silva Antunes, José Antonio de Almeida e João Manso, tendo sido este o unico que escapou ao carcere, porque foi logo acceita a demonstração da sua innocencia. Sequestrados immediatamente os livros e papeis dos suppostos réus de inconfidencia, foram mettidos em ferros e distribuidos pelas masmorras da fortaleza da Conceição e da ilha das Cobras.

Sem tardança, mandou o vice-rei (*vide* a « Correspondencia official » deste, « Revista do Instituto », t. XXXII, p. 1^a, pag. 291-294) instaurar-lhes devassa, que foi presidida pelo chanceller da Relação Antonio Diniz da Cruz e Silva, celebrado autor do *Hyssope* e que já fizera parte da alçada que condemnara os conjurados de Minas.

Como a justiça, durante dois longos annos, lhes não deci-

disse a sorte, — um dos que gemiam nas duras prisões, o dr. Mariano José Pereira da Fonseca, fez chegar seus justos lamentos ao throno de d. Maria I, provavelmente em fins de 1796. Como se vê dos clarissimos documentos copiados do Archivo Publico e insertos na «Revista do Instituto», t. XXVIII, 1865, p. 1ª, pags. 157-161, — determinou a rainha, por officio de 1º de fevereiro de 1797, dirigido por d. Rodrigo de Sousa Coutinho ao conde de Rezende, mandasse este os presos para Lisboa, caso os não devesse soltar, ou os puzesse em liberdade, si os julgasse já sufficientemente castigados.

Ouvido o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, este, no seu longo parecer de 18 de junho de 1797, que resume as principaes culpas dos réus lançados na paralyzada devassa, opinou que fossem soltos todos os presos, com o que concordou o vice-rei; isto se infere de sua resposta a d. Rodrigo de Sousa Coutinho, datada de 21 de julho do mesmo anno.

SEGUNDA PARTE

- A « REAL SOCIEDADE BAHIENSE DOS HOMENS DE LETRAS » —
 O « INSTITUTO ACADEMICO DAS SCIENCIAS
 E BELLAS-ARTES » — A « ACADEMIA FLUMINENSE
 DAS SCIENCIAS E ARTES » —
 A « SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL » —
 A « ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA »

Neste capitulo, trataremos, muito succintamente, das principaes associações literarias e scientificas do seculo XIX, que, ou simplesmente ideadas ou convertidas em realidade até 1838, precederam o apparecimento do *Instituto Historico*, o qual constituirá, por si só, o objecto da 3ª parte deste nosso modesto e desprezencioso trabalho.

Foram as seguintes: — a) a *Real Sociedade Bahiense dos Homens de Letras*; b) o *Instituto Academico das Sciencias*

e *Bellas-Artes*; c) a *Academia Fluminense das Sciencias e Artes*; d) a *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional*; e) a *Academia Imperial de Medicina*, — as tres primeiras mortas em o nascedouro.

Embora dignas de menção e de estudo, por seus elevados designios ou pelos beneficios que prestaram á nossa patria, — deixamos, entretanto, de referir-nos, aqui, a outras associações, creadas no Brasil ao findar o primeiro imperio ou na agitada e fecunda phase regencial, apenas por não se enquadrarem bem na denominação especial que tomámos por mira.

Distinguiram-se algumas pelos serviços que prodigalizaram á educação popular, como: a *Sociedade Jovial Instructiva* (com este nome installada, a 5 de setembro de 1829, no becco do « Proposito », hoje rua « Barão de S. Gonçalo »), mais tarde *Amante da Instrucção*, e honorificada com o titulo de *Imperial*; a *Sociedade Elementar*, estabelecida aqui em 1831; e a *Sociedade Literaria*, tambem desta capital e que durou de 1833 a 1844.

Entre as que surgiram nas provincias, notabilizaram-se: a *Sociedade de Agricultura, Commercio e Industria*, devida á iniciativa de Miguel Calmon du Pin e Almeida (depois marquês de Abrantes), e a *Sociedade Philomatica de Chimica*, ambas na Bahia, e a *Sociedade Promotora da Instrucção Publica*, em Minas Geraes, todas do anno de 1832.

A) A « REAL SOCIEDADE BAHIENSE DOS HOMENS DE LETRAS »

Conforme o visconde de Porto-Seguro (« Historia geral do Brasil », II, pags. 1.092), foi o principal promotor desta aggremação o bahiano Luís Antonio de Oliveira Mendes, que era socio da Real Academia das Sciencias de Lisboa.

Organizou-se em 1810, e os seus estatutos, sob a denominação de « preliminares », acham-se no t. XLVII, 1884, p. 1^o, de pags. 87 a 103 da « Revista do Instituto », assim como a representação que acompanhou os mesmos e que foi lida á Real Academia das Sciencias de Lisboa em sessão de 30 de junho de 1810 (« Rev. » *cit.*, pags. 104-105).

Dos mencionados documentos se colligem os intuitos e a disposição do gremio. Seriam seus protectores os reis de Portugal, presidente o filho segundo da familia reinante, e vice-presidente o arcebispo ou o governador da Bahia. Teria, além disso, um secretario, um vice-secretario, dois directores de artes e sciencias e quatro chefes de diferentes classes. Os seus socios formariam 5 ordens: — a 1ª, dos *honorarios*, seria tirada do corpo da nobreza, 20 de dentro da cidade, comarca e capitania, 10 das mais partes do Brasil, 6 do reino de Portugal e 6 estrangeiros dos mais dignos; a 2ª, comprehenderia os *effectivos*, cujo numero não foi determinado; a 3ª, os *livres*, cujo total se fixou em 60; a 4ª, os *supranumerarios*, até ao maximo de 10; e a 5ª, os *aspirantes* ou *correspondentes*, em numero illimitado. A legenda — « *Sic itur ad astra* » — tambem seria gravada em medalhas de ouro e prata, em cujo anverso figurariam um monte, indicando a Bahia, e uma aguia alando-se ao céu, vendo-se no reverso Minerva coroando um indio, com a inscripção — « *In novo orbe a Minerva coronatur industria* ». Serviriam de premio ás obras nos concursos que se haviam de realizar, mediante programmas previamente annunciados. Crearia a aggremação um horto botanico, bibliotheca, laboratorio chimico, observatorio astronomico, museu, jornal scientifico, aulas de historia universal e do Brasil, de sciencias naturaes e de linguas.

Como se infere da representação mencionada, obtivera Luis Antonio de Oliveira Mendes a adhesão de varios dos seus consocios da Real Academia das Sciencias de Lisboa, pois, sob a epigraphe « Socios encorporados, dos quaes alguns tem offerecido suas obras », figuram alli os seguintes nomes: — Padre Custodio José de Oliveira, Domingos Vandelli, desembargador José Bonifacio de Andrada, padre Joaquim de Fojos, desembargador José Antonio de Sá, fr. Patricio da Silva, fr. Joaquim de Santa-Clara, João Diogo de Barros Leitão Carvalhosa, João Guilherme Christiano Muller, Vicente Antonio Esteves de Carvalho, José Martins Pessoa e padre João Silverio.

Apesar de taes aquisições e da grandiosidade do seu programma, — a *Real Sociedade Bahiense dos Homens de Letras* não chegou a funcionar.

B) O « INSTITUTO ACADEMICO DAS SCIENCIAS
E BELLAS-ARTES »

Tendo sido decretada pelo principe regente, depois d. João VI, a 16 de dezembro de 1815, a elevação do Brasil á categoria de reino, unido a Portugal e Algarves, — entenderam os principaes negociantes do Rio de Janeiro que o melhor meio de manifestarem o seu justo regosijo por aquelle acto era organizarem, mediante subscrição publica, um certo capital, cujo rendimento fosse annualmente applicado em beneficio da educação popular. .

Havendo assim deliberado, e posto em pratica o intento, dirigiram-se ao paço, em 26 de janeiro de 1816, os mais notaveis dentre elles, Carneiro Leão, Amaro Velho, Joaquim de Siqueira, José da Motta e outros, os quaes confiaram ao arbitrio de d. João o emprego da somma obtida.

Acceitando e agradecendo a offerta, fez o principe regente expedir o decreto de 5 de março de 1816, creando aqui um *Instituto Academico das Sciencias e Bellas-Artes* e ordenando se conservasse aberta no Banco do Brasil a referida subscrição afim de receberem as quantias com que outras quaesquer pessoas quizessem acaso concorrer para fim tão util.

Não chegou, entretanto, a fundar-se o projectado estabelecimento (20)

(20) Em 1861 foram offerecidos ao Instituto Historico varios e curiosos documentos sobre o tentamen do dr. Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, que em 1827 era juiz-de-fôra na então villa de S. João del Rey, de installar na dita localidade mineira uma « Sociedade Philopolytechnica », cujo projecto de estatutos e mais peças relativas a tal materia veem na « Revista do Archivo Publico Mineiro », t. IV, de pags. 815 a 842. Dando parecer, por ordem de d. Pedro I, sobre essa associação, a 8 de março de 1828, — achou-a « excentrica e sem base » o visconde de Cayrú, que tambem se referiu ao mallogro da « Sociedade Economica de S. Paulo », ideada em 1821, e do « Instituto Academico das Sciencias e Bellas-Artes », projectado em 1816 no Rio de Janeiro.

C) A «ACADEMIA FLUMINENSE DAS SCIENCIAS
E ARTES»

O conego Januario da Cunha Barbosa, Joaquim Gonçalves Ledo, o padre Damaso, o dr. Amaro Baptista, o tenente-coronel João da Silva Feijó, Diogo Soares da Silva de Bivar e José Silvestre Rebello dirigiram uma representação a d. Pedro, então regente do reino do Brasil, pedindo-lhe o apoio moral e varios favores materiaes para que se fundasse aqui uma associação analoga á Real Academia das Sciencias de Lisboa.

A 31 de Outubro de 1821, reunidos todos elles na bibliotheca do paço da cidade, declarou-lhes o conde da Palma, em nome do principe, haver este approvado a idéia de instalar-se aqui a projectada sociedade, para cujo patrimonio concedia a pensão annual de 6000 cruzados, tirada da loteria da Santa Casa de Misericordia, transferindo-se para o novo gremio os documentos historicos existentes nas secretarias de Estado e em quaesquer outras repartições publicas, permitindo-lhe cunhar na casa da moêda as medalhas de que precisasse e dar a prélo na imprensa régia as obras que por ventura viesse a produzir.

Contando, assim, com o favor do principe regente, elegeu-se logo a directoria da associação: — presidente, o conde da Palma; secretario, Joaquim Gonçalves Ledo; vice-secretario, o conego Januario da Cunha Barbosa; thesoureiro, o padre Damaso; censores, o dr. Amaro Baptista, José Silvestre Rebello, o tenente-coronel João da Silva Feijó e Diogo Soares da Silva de Bivar.

A 3 de Novembro, approvaram-se os estatutos do novo gremio, que, aclamando seu protector ao principe regente, tomou a denominação de *Academia Fluminense das Sciencias e Artes*, e cujo objecto, de accôrdo com o expresso em seu regimento, seria o estudo das sciencias, bellas-lettras, artes, historia do Brasil e sua estatistica; teria 25 socios effectivos, sendo os mais, em numero illimitado, honorarios e correspondentes; e os seus trabalhos, que se iniciariam a 26 de Feve-

reiro, seriam encerrados solennemente a 16 de Dezembro, em memoria do dia da elevação do Brasil a reino.

Realizaram-se em Novembro mais quatro sessões, a 7, 14, 19 e 27.

Escolhidos os socios effectivos e organizado, afinal, todo o programma da incipiente instituição, resolveu-se que a sua estréia se daria festivamente a 16 de Dezembro, com a presença de d. Pedro, que prometteu comparecer.

Mas os prodromos da independencia agitavam então os melhores espiritos do tempo, entre os quaes se contavam alguns dos academicos nossos compatricios, de modo que nem sequer se chegou a celebrar a inauguração annunciada.

D) A « SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL »

Não foi um gremio simplesmente pratico, como parece indicar a sua denominação. E, mesmo que o fosse, não podíamos deixar de consagrar-lhe algumas linhas, pois que foi o berço onde o nosso queridissimo *Instituto Historico* soltou o primeiro vagido.

A idéia daquella associação surgiu em 1816, mas não vingou. Então, o seu promotor, que foi Ignacio Alvares Pinto de Almeida, a renovou, sob feição mais exequível, em 20 de Maio de 1820. Interrompida a esse tempo pelos acontecimentos que immediatamente precederam e se seguiram á independencia, só a 31 de Outubro de 1825, já obtida a protecção de d. Pedro I, é que foram approvados os seus estatutos.

A 18 de Julho de 1827, era a seguinte a sua directoria: — presidente, o visconde de Alcantara; vice-presidente, Francisco Cordeiro da Silva Torres, depois visconde de Jurumirim; secretario, Ignacio Alvares Pinto de Almeida; thesoureiro, João Fernandes Lopes.

Installou-se solennemente a 19 de Outubro, dia de S. Pedro de Alcantara, onomastico do imperador, recitando o secretario, e seu inolvidavel fundador, um discurso con-

cernente ao acto e á alta protecção imperial — realizando-se, porém, a primeira sessão ordinaria a 28 de Fevereiro de 1828.

Como prova dos intuitos scientificos da prestante aggre-miação, basta ver-se o decreto de 10 de Abril de 1830; — approvou este o estabelecimento de escolas normaes, que seriam dirigidas gratuitamente pelos socios effectivos da *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional*, e a relação dos lentes propostos para a regencia das cadeiras de geometria e mechanica, astronomia e physica, mathematica applicada ao commercio e botanica applicada á agricultura, tendo um aviso da mesma data permittido funcionassem taes aulas no pavimento terreo do antigo edificio do Museu Nacional.

A instituição devida a Pinto de Almeida prosperou. Foram reformados os seus estatutos e approvados a 5 de Agosto de 1831. Em 1833 appareceu o orgam da associação, o *Auxiliador da Industria Nacional*. A 20 de Maio de 1871, inaugurou tambem, para adultos, uma escola nocturna, primaria e profissional, iniciada por Joaquim Antonio de Azevedo e dirigida algum tempo pelo illustre e benemerito dr. José Manuel Garcia. Nos ultimos annos do segundo imperio, estava o utilissimo gremio sob a proficiente direcção do conselheiro Nicolau Joaquim Moreira.

Em seu carinhoso e illuminado seio tambem se hospedou o *Instituto Fluminense de Agricultura*, e, — não falando em seus mallogrados projectos de installação de uma fazenda normal em terras da lagoa Rodrigo de Freitas, da fundação de uma escola agricola e da organização de uma sociedade para cuidar exclusivamente da estatistica do Brasil, — deve-se á *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional* a importação de muitas especies vegetaes de exploração mercantil, assim como a iniciativa da primeira exposição nacional.

Isto bastaria para que ella, longe de ser esquecida por nós, merecesse este nosso pallido tributo de gratidão e de justiça.

E) A «ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA»

Nasceu em casa do dr. Sigaud, a 28 de Maio de 1829, a idéia de uma associação em que se investigassem, mais

amplamente do que nos institutos officiaes, os conhecimentos de medicina e cirurgia. Além daquelle sabio, estiveram presentes, á rua do Rosario, desta cidade, os drs. Meirelles, Jobim, De Simoni, Faivre, Jacinto e José Mariano, estes dois ultimos já nossos conhecidos das aggremações do fim do seculo XVIII.

Formulados, lidos e approvados os estatutos nessa primeira reunião preparatoria, foi a sociedade fundada a 30 de Junho do mesmo anno, com 17 medicos, todos declarados seus membros natos.

Approvada, com seus estatutos, por decreto de 15 de Janeiro de 1830, foi solennemente installada, a 24 de Abril do mesmo anno, numa das salas do hospital da ordem terceira de S. Francisco de Paula. Tinha então por presidente o dr. Meirelles e por secretario o dr. De Simoni.

Em 1831, appareceu o seu organo de imprensa, com o titulo *Semanario da Saúde Publica*, que em 1835 passou a chamar-se *Revista Medica Fluminense*, em 1841 *Revista Medica Brasileira*, em 1845 *Annaes de Medicina Brasiliense* e mais tarde *Annaes Brasilienses de Medicina*.

Por decreto de 8 de Maio de 1835, teve o titulo de *Imperial*. A 28 de Fevereiro de 1885 foram reformados os seus estatutos, pelos quaes a *Academia Imperial de Medicina*, dividida em tres secções, medica,irurgica e pharmaceutica, passou a compor-se de socios honorarios, titulares e correspondentes.

Tem prestado relevantes serviços á nossa terra esta associação, que hoje, com a denominação de *Academia Nacional de Medicina*, funciona no Syllogeu, sendo seu actual presidente o egregio professor Miguel Couto, gloria da medicina brasileira.

TERCEIRA PARTE

O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

Como vimos no capitulo anterior, foi no seio da *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional* que nasceu o benemerito gremio de que nos vamos occupar nesta terceira parte da nossa modesta monographia.

Na associação fundada por Ignacio Alvares Pinto de Almeida e de que era então primeiro secretario o marechal Raymundo José da Cunha Mattos, leu este, em sessão do conselho administrativo, sob a presidencia do notavel scientista frei Custodio Alves Serrão, a 18 de Agosto de 1838, uma proposta em que elle e o secretario adjunto conego Januario da Cunha Barbosa suggeriam a creação de um *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

Em assembléa geral daquella referida aggremação, effectuada no dia seguinte, foi unanimemente approvada a importante indicação.

A 21 de Outubro do mesmo anno, no salão das sessões da « Sociedade Auxiliadora », o presidente desta, marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres, declarou installado o novo cenaculo, para o qual foram eleitos o visconde de S. Leopoldo, o conego Januario da Cunha Barbosa e o dr. Emilio Joaquim da Silva Maia para os cargos provisorios de presidente, primeiro e segundo secretarios, respectivamente, ficando encarregados os dois primeiros da organização dos estatutos, para o que se convidou tambem o marechal Raymundo José da Cunha Mattos.

A 25 de Novembro, discutidos e approvados os estatutos, e contando o novo gremio, desde a reunião anterior, com 27 socios fundadores, procedeu-se á eleição da mesa directora e das commissões, as quaes se constituíram com os nomes seguintes:— Presidente, o visconde de S. Leopoldo; vice-presidente e director da secção de geographia, o marechal Raymundo José da Cunha Mattos; vice-presidente e director da secção de historia, Candido José de Araujo Vianna; pri-

meiro secretario perpetuo e director da commissão de estatutos, redacção da « Revista », bibliotheca e archivo, o conego Januario da Cunha Barbosa; segundo secretario, o dr. Emilio Joaquim da Silva Maia; orador, o major Pedro de Alcantara Bellegarde; thesoureiro e director da commissão de fundos, José Lino de Moura; membros da commissão de historia, os drs. Antonio Alves da Silva Pinto e Emilio Joaquim da Silva Maia; membros da commissão de geographia, José Silvestre Rebello e o coronel Conrado Jacob de Niemeyer; membros da commissão de fundos, Thomé Maria da Fonseca e Alexandre Maria de Mariz Sarmiento; e membros da commissão de redacção da « Revista », o dr. José Marcellino da Rocha Cabral e Antonio José de Paiva Guedes.

Na primeira sessão ordinaria, realizada a 1º de Dezembro, propoz o conego Januario da Cunha Barbosa se pedisse ao Imperador a graça de acceitar o titulo de « Protector » do *Instituto*, ao que annuiu o monarcha, conforme sua resposta, datada de 19 de Março do anno seguinte.

Approvou o governo imperial, em 26 de Fevereiro de 1839, os estatutos da nova associação, que passou a funcionar no paço da cidade.

Eis ahi como surgiu o nosso amado e benemerito *Instituto*, a cuja summaria apreciação vamos proceder sobre as duas epigraphes seguintes: — a) *serviços geraes*; b) *a Revista*.

A) SERVIÇOS GERAES

Quando, cerca de tres lustros após a nossa definitiva separação politica da metropole portugueza, lançaram os esclarecidos patriotas do periodo regencial os modestos alicerces desta inestimavel aggremação no sólo opulento do Brasil, talvez não calculassem, por mais previdentes que fossem, toda a extensão dos beneficios com que a sua utilissima creação ia contribuir para o progresso cultural da nossa nacionalidade.

Entretanto, se outros serviços não devessemos ao vigoroso interregno da Regencia, — a mais accentuada phase de

experimentação democratica e de proveitosa actividade constructora do passado monarchico, — a fundação do *Instituto Historico*, por si só, bastaria a aureolar aquella época inesquecível.

Desde logo se fez sentir o influxo salutar do novo cenaculo nos destinos da patria, então de continuo agitada pelos pronunciamentos militares e fortemente convulsionada pelas lévas de broquéis dos unitaristas e federalistas.

Nelle se abrigaram, como que se afastando por momentos ás sempre desencadeiadas procellas das facções, que se degladiavam no parlamento, na imprensa e nos comicios, os politicos de mais evidencia daquella quadra memoravel e os expoentes da intellectualidade patricia nos varios ramos das sciencias e das letras.

No templo que em boa hora haviam erguido para o culto da terra amada, empolgava-lhes os corações uma serena paz, accendendo nelles, em vez da scintilla das subalternas paixões pessoaes, o desejo vehemente da solidariedade e da ordem e o elevado escopo de um progredir sem tortuosidades, que se unisse ás correntes naturaes, constructora da evolução normal do país.

Dahi, o papel proeminente que o *Instituto Historico* bem depressa representou no congraçamento geral dos grupos e na mais conveniente directriz das tendencias sociaes, das legitimas aspirações politicas dos partidos, — de modo que o energico appello ás tradições, por elle feito sem cessar, foi ouvido, foi attendido, e, assim, cumprindo sempre esse excelso e indeclinavel dever, veiu elle acompanhando passo a passo, com a mira jámais afastada do futuro grandioso da patria, o restante meio seculo de existencia do império.

Nem poderia deixar de ser assim, desde que a direcção do meritorio gremio fôra confiada aos homens publicos mais prestantes e influentes do regimen, e o proprio chefe do Estado, como vimos, apenas recebeu o convite para honrar o novo cenaculo com a sua protecção, liberalizou-lha até ao seu derradeiro dia de governo.

Se não é obrigação comezinha tributar encomios aos fundadores do *Instituto* e aos devotados directores que tem elle tido em sua hoje quasi secular existencia, — manda a justiça

mais elementar que se não ponha em olvido o muito que deve elle a d. Pedro II, o *Magnanimo*.

Durante 40 annos, isto é, durante quasi todo o seu extenso reinado, timbrou o sabio monarcha não só em abri-lhantar-lhe as sessões com a sua augusta presença, tomando parte activa nos debates, como tambem em enriquecel-o com doações magnificas. As actas do *Instituto* patenteiam que o Marco-Aurelio do mundo contemporaneo nunca, desde 15 de Dezembro de 1849 até que a revolução de 15 de Novembro de 1889 o despojou do throno, deixou de comparecer, excepto quando ausente da então côrte, ás reuniões da benemerita aggremação, — e tal era o prisma porque encarava os serviços della ao país, que, em seu proprio nome e no de sua virtuosa consorte d. Theresa Christina, a galardoou com livros raros e preciosos; o melhor, pôde-se affirmal-o sem receio de erro, da valiosissima bibliotheca da nossa queridissima associação.

Soube esta, porém, corresponder dignamente ás vistas e á munificencia com que a distinguiu o excelso soberano, filho da nossa terra. Não se limitou a gratidão do gremio ás honras que tributou a d. Pedro II e ás apotheoses que lhe rendeu, — mas sempre efficaizmente auxiliou a ardua missão do dynasta brasileiro, envidando todos os esforços, que lhe cabiam na alçada, em favor da solução de questões vitaes do país, em beneficio, finalmente, do sagrado apanagio intellectual e moral da nossa nacionalidade.

Ainda no mesmo anno em que iam ser decretados a deposição e o banimento da familia imperial pela revolução triumphante, realizava o *Instituto* a exposição das obras de historia chilena, pessoalmente dirigida pelo inclito monarcha, em homenagem aos nossos prezados visitantes daquella amiga Republica trans-andina.

A quêda da monarchia não alterou, nem podia alterar, as condições visceraes da nossa prestimosa aggremação, nem os supremos intuitos que ella collimava.

O advento da nova ordem de coisas achou-a disposta á prestar os mesmos serviços que não regateara nunca ao regimen extincto: — seu alvo era a patria.

Assim, embora o Instituto continuasse a ser dirigido pelas

mais salientes e dignas figuras do imperio, servidores fiéis do Brasil, foi á nossa antiga e operosa companhia que pediram os promptamente concedidos subsidios de alta valia para que se dirimissem os nossos vetustos litigios territoriaes com as nações limitrophes, os advogados dos subidos interesses de nossa patria nessas graves e magnas pendencias.

Com effeito, a bibliotheca e o archivo do *Instituto* não têm servido tão sómente á fidedigna documentação dos estudiosos de qualquer matiz, mas hão proporcionado provas seguras e concludentes, quer para a salvaguarda dos nossos direitos reaes, quer para a defesa da nossa nacionalidade, nas questões que temos tido com povos estrangeiros.

Não é facil recensear, em rapida synthese, todos os actos de benemerencia civica que constituem o fulgido acervo do nosso *Instituto*.

Diremos, todavia, que delle partiu, mais que de qualquer outra origem, a iniciativa de honrar os vultos maximos da nossa patria, expondo-os no bronze imperecivel ao preito das gerações.

Quando se realizou a grande Exposição Nacional de 1908, coube á nossa douta companhia a tarefa de fazer a estatistica da imprensa brasileira. A maneira por que se desempenhou o *Instituto* da opportuna idéia, que fôra o primeiro a lembrar, levando-a a cabo com aturados e pacientes esforços, imprescindiveis á collecta e catalogação de cerca de 30.000 jornaes e periodicos dados á estampa em todo o país, desde o primeiro que aqui se publicara, — constituiu uma das notas de mais relevo daquelle magestoso e involvidavel certamen.

A nossa prestimosa associação serviu de modelo e de estímulo a todas as suas congengeres da nossa terra. O movimento que se tem operado em muitas das circumscripções do país, para a fundação de gremios regionaes, onde tambem se cultuem as tradições venerandas da patria, ou partiu do exemplo efficiente dos legionarios da longaeva criação de 1838, ou contou com o seu apoio efficaz. E essas filiaes, que estão a expandir ensinamentos por toda a extensão do Brasil, têm-se revelado dignas da sua gloriosa matriz.

Não é nosso proposito descrever todo o copioso patri-

monio de glórias do *Instituto*, nem evocar, nome a nome, episodio a episodio, o inventario do seu desenvolvimento em quasi um centennio de pujante e valioso trabalho.

A' scintillante trajetória do nosso gremio por mais de tres quartos de seculo, faltava, entretanto, um florão imprescindível, destinado a perenne refulgencia. Acaba elle de adquiril-o e de com elle exornar-se, tanto para a admiração dos homens de agora, como para as benções dos porvindouros.

Essa rutila coroa — foi o 1º *Congresso de Historia Nacional*, promovido e brilhantemente realizado pela nossa incansavel associação.

As idéias que a egregia reunião levantou e os materiaes inestimaveis que reuniu, mediante o concurso do escol dos especialistas do país, — formam um manancial de incalculaveis beneficios para a nossa civilização e para a nossa cultura.

E'-nos licito esperar, graças aos elementos valiosos com cuja adhesão se conta por seguro, que tenha exito igualmente feliz e brilhante o 2º Congresso, que se deverá reunir em 1922 com um caracter mais amplo, interessando a toda a America.

A administração suprema do colendo cenaculo esteve sempre confiada, como ainda agora, a emeritos patriotas, graças a cuja dedicação, competencia e tino pratico grangeou elle a sua fama e a sua prosperidade.

Até hoje, não passou de oito o numero dos seus presidentes effectivos, quatro dos quaes serviram durante o Imperio e outros quatro têm servido durante a Republica.

O visconde de S. Leopoldo pertence á veneranda e gloriosa phalange dos fundadores, e a sua operosa gestão extendeu-se de 1838 a 1847.

Mais dilatada foi a direcção do marquês de Sapucahy, a qual alcançou até 1875; devem-se-lhe, serviços inesqueciveis, como, entre muitos outros, o de ter attrahido para o incipiente gremio a efficaz sympathia e o forte amparo de d. Pedro II, cuja amizade por aquelle seu velho e illustre mestre não ha quem ignore.

Coube a investidura, em seguida, ao visconde do Bom-

Retiro, que, até fallecer em 1886, não desmereceu, naquelle posto, da nomeada que lograra nos departamentos da governação nacional.

A esses tres titulares e estadistas succedeu um escriptor sem laureas academicas e que jámais tivera entrada no galarim da politica: — foi Joaquim Norberto de Sousa Silva, para quem a elevada curial do *Instituto* nada mais representou que o reconhecimento, por parte dos seus companheiros, da sua incontestavel habilitação theorica e o justo premio da sua infatigavel actividade na pesquisa dos annaes patrios. Expirou elle em 1891, deixando aqui perpetuamente vinculada a uma longa e brilhante fé-de-officio a sua honrada memoria.

Substituiu-o o conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, presidente do Supremo Tribunal Federal, cuja integridade de character, auxiliada por peregrinos dotes intellectuaes, nos dois cargos simultaneos se revelou com egual valor. Deixou sulco profundo a sua passagem por esta casa, cujos destinos regeu até ao anno do seu fallecimento, 1906.

Foi preenchida a sua vaga, mas apenas pelo espaço de doze meses, pelo venerando marquês de Paranaguá. Estava este benemerito compatricio já quasi nonagenario. A sua escolha representou sómente mais uma consagração á aureola que lhe circumdava as cãs. A outro titulo, não era curial se impuzesse tão arduo onus ao velho brasileiro, que chegara á extrema ancianidade contando tão farta somma de serviços á terra natal. Assim, a sua palavra oracular só se fez ouvir na chefia desta associação até 1907.

Coube ao barão do Rio-Branco a sua successão. O patrono do Brasil nas seculares contendas das Missões e do Amapá, como que predestinado a ser o integrador dos definitivos limites patrios, o «Chancellor da Paz», cujo largo descortino abrangia, a toda a luz, a necessidade da confraternização sul-americana e da hegemonia politica da terra de Santa-Cruz nesta parte do continente de Colombo, — conhecia, melhor que ninguem, a coefferencia do *Instituto Historico* para essas empresas titanicas. Assim, a sua superior administração deste gremio não passou de um prolongamento da sua alta funcção de ministro das Relações Exteriores. Da

cathedra de presidente da nossa companhia foi que o seu verbo poderoso derribou o unico obstaculo á almejada *entente cordiale* entre o Brasil e as nações vizinhas, oriundas do antigo vice-reino do Prata. Ao entrar, liberto das contingencias da materia, no pantheon da immortalidade, a sua gloria insuperavel já fazia parte integrante do apanagio do *Instituto Historico*.

A lacuna aberta aqui pela morte do barão do Rio-Branco assumiu, portanto, proporções desmedidas e demandou muito acerto na escolha do seu successor, com crescidas responsabilidades para este. Mas o criterio, a felicidade da eleição do conde de Affonso Celso estão sobejamente comprovados. Parlamentar experimentado, prosador eximio, poeta distinctissimo, homem de letras a valer, — estes dotes bastariam a justificar a sua chamada para o elevado posto nesta casa, onde ás suas produções historicas já se havia tributado a devida justiça. Entretanto, aquelles varios predicados não são os unicos que exornam o actual presidente do *Instituto Historico*: como um pallio luminoso e suggestivo a envolver toda a sua personalidade, paira tambem o prestigio que a caracteriza, o prestigio que emana da linha inquebrantavel do seu character. O devotamento que o preclaro e estimado brasileiro tem posto em todas as irradiações da vida da nossa prestante associação, augura a esta uma éra nova de invejavel prosperidade e de intenso fulgor. O conde de Affonso Celso, em summa, — podemos asseveral-o sem a menor lisonja á sua pessoa, — tem correspondido, cabalmente, integralmente, ás justas esperanças que determinaram a sua eleição.

E' justo recordar tambem que, como presidentes interinos, prestaram reaes serviços ao nosso benemerito gremio os srs. conselheiro Manuel Francisco Correia, e visconde de Ouro-Preto, dois brasileiros eminentes, de quem jámais nos esqueceremos.

Não nos é possivel, em summariacão tão exigua como a presente, lembrar os nomes de todos os venerandos concidadãos que trouxeram a este cenaculo, em tão longa existencia, o concurso das suas luzes, a efficiencia da sua cooperação. Na vice-presidencia, na secretaria, na bibliotheca, no archivo, ha mourejado todo um pugillo de homens, para quem o amor

da patria e da sua historia não foi e não é um simples vaniloquio.

Conta ainda afortunadamente o *Instituto* com a dedicação de um mestre, que só iniquidade clamorosa pudera fazer hoje olvidar — o dr. Vieira Fazenda. E' nome tão conhecido, que dispensa maiores encomios. Identificou-se com a meritoria aggremação e constitue, com a sua illustre directoria, fôco de possante attracção para os talentos que se votam aos estudos historicos.

Revivendo uma pratica de dias mais propicios á vida nacional e visando a despertar do marasmo, em que anda infelizmente immersa, a geração de agora para as effusões de um civismo consciencioso, — o conde de Affonso Celso tem promovido varias séries de conferencias adequadas ao programma fundamental do *Instituto* e que iniciaram uma como phase nova na existencia deste estabelecimento.

Homens illustres, com verdadeiro pendor para as investigações do passado, e escriptores de nome feito em certamens do pensamento, têm realizado nesta casa verdadeiros cursos scientificos, cuja necessidade e oportunidade se não podem pôr em duvida.

A partir de fins de 1913, effectuaram-se os seguintes: — o do dr. Alberto Rangel, sobre a « aspectos brasileiros »; o do professor Basilio de Magalhães, sobre o « bandeirismo paulista »; o do dr. Aurelino Leal, sobre a « evolução constitucional do Brasil »; o do dr. Pinto da Rocha, sobre « historia diplomatica »; o do dr. Viveiros de Castro, sobre « historia tributaria »; o do dr. Ramalho Ortigão, sobre « historia financeira »; e o do dr. Araujo Vianna, sobre « as artes plasticas no Brasil, em geral e no Rio de Janeiro, em particular ».

Ora, a existencia dessas e de tantas outras capacidades, todas dispostas a trabalhar assidua e indefessamente em prol do porvir grandioso da patria, e a inexistencia, em nosso país, de uma especie de universidade livre, não visando a fins puramente academicos, mas a sérias investigações de tudo quanto diga respeito ao Brasil, intellectualmente, moralmente e economicamente, compelliram o autor da presente memoria a idear a criação de uma *Escola de Altos Estudos*, como

filial do proprio *Instituto Historico*, cuja feição se vinha francamente inclinando para isso nos ultimos tempos. Para levar por deante a sua aspiração, pediu elle ao egregio espirito de Oliveira Lima, cuja competencia é por todos reconhecida, um programma que satisfizesse áquelle justo intento. E, obtida a collaboração do eminente brasileiro, cuja nomeada ha muito que transpoz as fronteiras da patria, — foi, emfim, formulado o projecto, que mereceu a unanime approvação desta casa, em sua sessão de 12 de Outubro do corrente anno.

Assim, em começo de 1916, que é quando se vai inaugurar aqui a *Escola de Altos Estudos*, poderá a nossa associação desvanecer-se de contar em seu patrimonio, já tão opulento, mais uma conquista que a ha de perpetuamente dignificar, equiparando-a, a um importante aspecto pelo menos, ao celebre *Instituto de França* ou á famosa *Sorbona*.

Em conclusão: — um gremio que assim toma a serio a sua missão cultural, o seu destino patriotico, faz honra á terra amada que o viu surgir e florescer.

B) A « REVISTA »

Tendo começado a publicar-se em 1839, saiu sempre a lume com a mais rigorosa pontualidade.

Não ha successo algum capital da evolução brasileira que não tenha sido investigado ou documentado pelo orgam do *Instituto Historico*, que é, portanto, a fonte mais crystallina e mais rica das tradições patrias, para cuja sanção e pleno esclarecimento continúa elle a concorrer, num esforço incessante e infatigavel, graças principalmente á escrupulosa direcção que se lhe tem dado, desde o seu apparecimento, e ha quatro annos attribuida ao Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, tão provecto hellenista quanto erudito historiographo. Já a dirigiu tambem o autor da presente memoria, de quem foi então inestimavel e operoso auxiliar o saudoso Luís Leitão.

Não falando nas commemorações que determinaram volumes espezias (convém assignalar que só ao recente

1º Congresso de Historia Nacional se consagraram cinco grandes tomos, dos quaes dois já estão fóra do prélo),— têm sido insertos na « Revista » muitos trabalhos de notorio valor, entre os quaes são dignos de menção particular os seguintes:

1) « O Instituto Historico e Geographico Brasileiro é o representante das idéias de illustração, que em differentes épocas se manifestaram em o nosso continente » — pelo visconde de S. Leopoldo — t. I, pag. 77.

2) « Si a introdução dos escravos africanos no Brasil embaraça a civilização de nossos indigenas, dispensando-lhes o trabalho, que foi confiado aos negros. Neste caso, qual é o prejuizo que soffre a lavoura brasileira? » — pelo conego Januario da Cunha Barbosa — t. I, pag. 159.

3) « Qual seria hoje o melhor systema de colonizar os indios entranhados em nossos sertões? » — pelo conego Januario da Cunha Barbosa — t. II, pag. 3.

4) « Parecer acerca da obra intitulada — *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI intitolado « Noticias do Brasil »* — por Francisco Adolfo de Varnhagen — t. II, pag 109.

5) « Tesouro descoberto no maximo rio Amazonas (noticia geral) » — por Francisco Adolfo Varnhagen — t. II, pags. 321- 329.

6) « Memoria sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indigenas do Brasil » — por Francisco Adolfo Varnhagen — t. III, pag. 53.

7) « Extractos da correspondencia de Thomás Jefferson a respeito dos planos da conjuração mineira » — t. III, pag. 208.

8) « Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela corôa de Portugal » — memoria escripta no Pará em 1792 por Alexandre Rodrigues Ferreira — t. III, pag. 389.

9) « Memoria sobre a antiga escola de pintura fluminense » — por Manuel de Araujo Porto-Alegre — t. III, pag. 547.

10) « Onde aprenderam e quaes foram os artistas que fizeram levantar os templos dos jesuitas e fabricaram as

estatuas que ali se acham collocadas? » — pelo desembargador Rodrigo de Sousa da Silva Pontes — t. IV, pag. 65.

11) « Carta escripta da Lagôa Santa pelo dr. Pedro Lund » — t. IV, pag. 80.

12) « Qual a condição do sexo feminino entre os indigenas? » — por José Joaquim Machado de Oliveira — t. IV, pag. 168.

13) « Memoria sobre as aldeias de indios da provincia de S. Paulo, segundo as observações feitas no anno de 1798 » — por José Arouche de Toledo Rondon — t. IV, pag. 295.

14) « Carta do mestre João, physico de El Rey, para o mesmo Senhor, de Vera-Cruz, a 1 de Maio de 1500 » — t. V, pag. 364.

15) « Informação das terras do Brasil » — pelo padre Manoel da Nobrega — t. VI, pag. 91.

16) « Si todos os indigenas do Brasil, conhecidos até hoje, tinham idéia de uma unica divindade ou si a sua religião se circumscrevia apenas a uma mera e supersticiosa adoração de fetiches? » — por José Joaquim Machado de Oliveira — t. VI, pag. 133.

17) « Carta do dr. Pedro Lund, escripta da Lagoa Santa (Minas Geraes) a 21 de Abril de 1844, sobre novas descobertas de ossos fosseis, achados em suas excavações » — t. VI, pag. 334.

18) « Como se deve escrever a historia do Brasil » — pelo dr. Carlos Frederico Philippe de Martius — t. VI, pag. 389.

19) « Informação do Brasil e das suas capitancias em 1584 » — t. VI, pag. 412.

20) « Historia da capitania de S. Vicente desde sua fundação por Martim Affonso de Sousa em 1531 » — escripta por Pedro Taques de Almeida Paes Leme em 1772, — t. IX, pags. 137, 293 e 445.

21) « O *Caramurú* perante a historia » — por Francisco Adolfo de Varnhagen — t. X, pag. 129.

22) « Memoria historica e documentada da revolução da provincia do Maranhão desde 1839 até 1840 » — por Domingos José Gonçalves de Magalhães — t. X, pag. 263.

23) « Memoria sobre os limites do Brasil com a Guyana

Francesa, conforme o sentido exacto do art. 8º do tratado de Utrecht » — pelo dr. Joaquim Caetano da Silva — t. XIII, pag. 421.

24) « Tratado descriptivo do Brasil em 1587, obra de Gabriel Soares de Sousa, senhor de engenho na Bahia e nella residente 17 annos e seu vereador da camara » — edição por Francisco Adolfo Varnhagen — t. XIV, pag. 1.

25) « Memoria historica e documentada das aldeias de indios da provincia do Rio de Janeiro » — por Joaquim Norberto de Sousa Silva — t. XVII, pag. 273.

26) « Iconographia brasileira » — por Manuel de Araujo Porto-Alegre — t. XVII, pag. 349.

27) « Quaes são as principaes plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil » — pelo dr. Francisco Freire Allemão — t. XVII, pag. 539.

28) « Almanack historico da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro » (1799) — por Antonio Duarte Nunes — t. XXI, pag. 5.

29) « Historia da Provincia de Santa-Cruz » — por Pero de Magalhães Gandavo — t. XXI, pag. 367.

30) « Memoria do dr. Guilherme Schuch Capanema sobre as tradições ou vestigios geologicos que nos levem á certeza de ter havido terremotos no Brasil » — t. XXII, pag. 135.

31) « Memoria sobre a fundação das faculdades de direito no Brasil » — pelo dr. Carlos Honorio de Figueiredo — t. XXII, pag. 507.

32) « Os indigenas do Brasil perante a historia » — pelo dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães — t. XXIII, pag. 3.

33) « Diario da navegação de Pero Lopes de Sousa (1530-1532) » — t. XXIV, pag. 9.

34) « Roteiro de Duarte Fernandes e mais documentos relativos á viagem da nau *Bretoa* » — t. XXIV, pag. 96.

35) Qstões americanas pelo dr. Joaquim Caetano da Silva: Commentarios sobre a obra de Alexandre de Humboldt; Exame critico da historia do novo continente » — t. XXVI, pag. 269.

36) « Annaes da provincia de Goyaz » — por José

Martins Pereira de Alencastre — t. XXVII, pags, 5 e 230.
Continúa no XXVIII, pag. 5.

37) « Egreja do Brasil ou informação para servir de base á divisão dos bispados, projectada no anno de 1819, com a estatistica da população do Brasil, etc. » — pelo conselheiro Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira — t. XXIX, p. 1^a, pag. 159.

38) « Confederação do Equador, noticia historica sobre a revolução pernambucana de 1824 » — pelo dr. Antonio Pereira Pinto — t. XXIX, p. 2^a, pag. 36.

39) « Brasil e Oceania » — por Antonio Gonçalves Dias — t. XXX, p. 2^a, pag. 5.

40) « Nobiliarchia paulistana, genealogia das principaes familias de S. Paulo » — por Pedro Taques de Almeida Paes Leme — t. XXXII, p. 1^a, pags. 175 e 209. Continúa nos ts. XXXIII (p. 1^a, pags. 5 e 157; p. 2^a, pags. 27 e 149), XXXIV (p. 1^a, pags. 5 e 141; p. 2^a, pags. 5 e 129) e XXXV (p. 1^a, pags. 5 e 243; e p. 2^a, pag. 5).

41) « Breve discussão chronologica acerca da descoberta do Brasil » — por Henrique de Beaurepaire Rohan — t. XXXII, p. 2^a, pag. 231.

42) « Apontamentos para a historia dos jesuitas no Brasil, extrahidas das chronicas da companhia de Jesus » — por Antonio Henrique Leal — t. XXXIV, p. 2^a, pags. 47 e 195. Continúa no XXXVI, pags. 65, 201 e 347.

43) « Apontamentos historicos sobre a ordem beneditina em geral e em particular sobre o mosteiro de N. S. do Monserrate do Rio de Janeiro » — pelo dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão — t. XXXV, p. 2^a, pag. 248.

44) « Notas diarias sobre a revolta, que teve logar nas provincias do Maranhão, Piauhy e Ceará, pelos annos de 1838-39-40 » — t. XXXV, p. 2^a, pag. 423.

45) « Primeiras explorações da costa brasilica em 1501-1506 » — pelo barão de Porto-Seguro — t. XXXVI, p. 2^a, pag. 55.

46) « Ensaio de anthropologia — Religião e raças selvagens » — pelo dr. José Vieira Couto de Magalhães — t. XXXVI, p. 2^a, pag. 359.

47) « Corographia historica da provincia de Goyaz » — pelo brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos — t. XXXVII, p. 1^a, pag. 213.

48) « Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira » — por Diogo Lopes de Santiago — t. XXXVIII, pag. 249. Continúa nos ts. XXXIX (pags. 97 e 323), XL (pag. 411), XLI (pags. 143 e 387), XLII (pag. 57) e XLIII (pags. 5 e 191).

49) « Notas sobre a historia patria » — por Candido Mendes de Almeida — t. XXXIX, p. 2^a, pag. 5.

50) « Notas acerca de como não foi na Coroa Vermelha, na enseada de Santa-Cruz, que Cabral primeiro desembarcou, etc. » — pelo visconde de Porto-Seguro — t. XL, p. 2^a, pag. 5.

51) « Carta de Americo Vespuccio na parte que respeita ás suas tres viagens ao Brasil » — traduzidas e annotadas criteriosamente pelo visconde de Porto-Seguro — t. XLI, p. 1^a, pag. 5.

52) « O primitivo e o actual Porto Seguro » — por Henrique de Beaurepaire Rohan — t. XLIII, p. 2^a, pag. 5.

53) « Guerra civil do Rio Grande do Sul » — por Tristão de Alencar Araripe — t. XLIII, p. 2^a, pags. 115 e 293. Continúa nos ts. XLV (p. 2^a, pag. 33), XLVI (p. 2^a, pag. 165) e XLVII (p. 2^a, pag. 47).

54) « Memoria sobre o melhor plano de escrever a historia antiga e moderna do Brasil » — por Julio de Wallenstein — t. XLV, p. 1^a, pag. 159.

55) « Idéias de independencia do Brasil em fins do seculo passado — Cartas de Vandeck e Thomás Jefferson » — t. XLVII, p. 1^a, pag. 123.

56) « Diario da viagem philosophica pela capitania de S. José do Rio Negro » — pelo dr. Alexandre Rodrigues Ferreira — t. XLVIII, p. 1^a, pag. 1.

57) « Fortificações no Brasil, etc. » — por Augusto Fausto de Sousa — t. XLVIII, p. 1^a, pag. 5.

58) « Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil » — por Tristão de Alencar Araripe — t. L, p. 1^a, pag. 213.

59) « Idéias de José Bonifacio sobre a organização politica do Brasil, quer como reino unido a Portugal, quer como Estado independente » — por Tristão de Alencar Araripe — t. LI, p. 2^a, pag. 79.

60) « Narração historica das calamidades de Pernambuco (1707-1715) » — t. LIII, p. 2^a, pag. 1.

61) « America abreviada, etc. » — pelo padre João de Sousa Ferreira — t. LVII, p. 1^a, pags. 5.

62) « Historia da revolução em Pernambuco em 1817 » — pelo dr. Francisco Muniz Tavares — t. LX, p. 1^a, pagina 103.

63) « Subsidio para a historia das minas — Consulta do Conselho Ultramarino, em que deu parecer Salvador Corrêa de Sá e Benevides » — t. LXIII, p. I, pag. 5.

64) « O Brasil intellectual em 1801 » — pelo barão Homem de Mello — t. LXIV, p. I, pag. 5.

65) « Informação sobre as minas de S. Paulo e dos sertões de sua capitania, desde 1597 até 1772 » — por Pedro Taques de Almeida Paes Leme — t. LXVI, p. I, pag. 1.

66) « Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica » — pelo Padre Fernão Cardim (1583-1590) — t. LXV, p. I, pag. 11.

67) « Relação dos manuscriptos portuguezes e estrangeiros de interesse para o Brasil, existentes no Museu Britannico de Londres » — pelo dr. Manoel de Oliveira Lima — t. LXV, p. II, pag. 5.

68) « Memorias do Instituto Historico » — t. LXV, p. I, pag. 341.

69) « A Balaiada (1839), depoimento de um dos heroes do cerco de Caxias, etc. » — pelo dr. Rodrigo Octavio de de Langgaard Menezes — t. LXV, p. II, pag. 285.

70) « A moéda no Brasil — Historia de uma collecção de moédas e medalhas do Brasil, etc. » — por Miguel Archanjo Galvão — t. LXV, p. II, pag. 9.

71) « O Forte de Coimbra, sua fundação e os acontecimentos que com ella se relacionam » — pelo general Francisco Raphael de Mello Rego — t. LXVII, p. II, pag. 170.

72) « Rio abandonado (o Purús) » — por Euclides da Cunha — t. LXVIII, p. II, pag. 377.

73) « Questão Mauer — Os Mukers » — por Eduardo Marques Peixoto — t. LXVIII, p. II, pag. 393.

74) « O Direito no seculo XIX » — pelo Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa — t. LXVIII, p. 21, pag. 507.

75) « A Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro » — pelo Dr. José Vieira Fazenda — t. LXIX, p. I, pag. 7.

76) « Da Independencia á Republica » — por Euclýdes da Cunha — t. LXIX, p. II, pag. 7.

77) « Duque de Caxias » — pelo prof. J. Capistrano de Abreu — t. LXIX, p. II, pag. 75.

78) « Julius Meili e a Numismatica brasileira » — pelo Dr. Alfredo de Carvalho — t. LXIX, p. II, pag. 95.

79) « O Brasil Social » — pelo Dr. Sylvio Roméro — t. LXIX, p. II, pag. 105.

80) « A Capitania do Camutá » — pelo Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata — t. LXIX, p. II, pag. 183.

81) « Processo do Padre Manuel de Moraes, sacerdote e theologo natural da villa de S. Paulo, Estado do Brasil, residente que foi nas partes do norte e preso nos carceres da inquirição de Lisboa » — t. LXX, p. I, pag. 1.

82) « Prisões clandestinas. Seculo XVIII. O Conselheiro José Mascarenhas » — pelo Dr. Luis Antonio Ferreira Gualberto — t. LXX, p. I, pag. 196.

83) « Folk-lore pernambucano » — pelo Dr. Francisco A. Pereira da Costa — t. LXX, p. II, pag. 5.

84) « Ilha da Carioca » — pelo Dr. José Vieira Fazenda — t. LXXI, p. I, pag. 23.

85) « Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão » — pelo P°. João Felipe Bettendorf — t. LXXII, p. I, pag. 1.

86) « O itinerario da expedição Espinhosa em 1553 » — pelo Dr. Orville Derby — t. LXXII, p. 12, pag. 21.

87) « Uma Fazenda Historica. Borda do Campo » — pelo Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva — t. LXXII, p. II, pag. 127.

88) « Viagem ao Alto Nilo, pelo Imperador D. Pedro II » — t. LXXII, p. II, pag. 217.

89) « Correspondencia de Diogo Botelho » — t. LXXII, p. I, pag. 1.

90) « A viagem do Dr. Fritz Krause ao Araguaya » — t. LXXIII, p. I, pag. 259.

91) « A missão artistica de 1816 » — pelo Dr. Affonso d'Escragnoille Taunay — t. LXXIV, p. I, pag. 5.

92) « Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo » — pelo Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão — t. LXXIV, p. II, pag. 9.

93) « Subsídios para a Historia do Instituto Historico » — pelo Dr. José Vieira Fazenda — t. LXXIV, p. II, pagina 279.

94) « Os Kraós do Rio Preto no Estado da Bahia » — pelo Dr. Theodoro Sampaio — t. LXXV, p. I, pag. 143.

95) « Bi-centenario de Ouro Preto » — pelo Conde de Affonso Celso — t. LXXV, p. I, pag. 207.

96) « Um amigo do Brasil — Ferdinand Denis » — pelo Dr. Escragnoille Doria — t. LXXV, p. I, pag. 217.

97) « Fastos Pernambucanos » — pelo Dr. Pedro Souto Maior — t. LXXV, p. I, pag. 259.

98) « Visconde de Ouro Preto » — pelo Dr. Alfredo Valladão — t. LXXV, p. II, pag. 7.

99) « Cartas ineditas da primeira imperatriz D. Maria Leopoldina » (1821-1826) — t. LXXV, p. II, pag. 111.

100) « D. Pedro II no Egipto » — pelo Dr. Nicolau José Debbané — t. LXXV, p. II, pag. 131.

101) « Apontamentos genealogicos da Familia Andrada » — pelo Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva — t. LXXVI, p. I, pag. 21.

102) « João Francisco Lisboa » — pelo Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa — t. LXXVI, p. I, pag. 65.

103) « Breves noções de physiographia brasilica » — pelo Dr. Gastão Ruch — t. LXXVI, p. I, pag. 93.

104) « O Ministro da Fazenda da Independencia » — pelo Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada — t. LXXVI, p. I, pag. 371.

105) « Aspectos geraes do Brasil » — pelo Dr. Alberto Rangel — t. LXXVI, p. I, pag. 453.

106) « Diccionario de brasileiroismos » — pelo Dr. Rodolpho Garcia — t. LXXVI, p. I, pag. 633.

107) « Historia da Guerra do Paraguay e episodios da viagem na America do Sul » — por Max von Versen (Major

do exercito real da Prussia)—Traducção do Dr. Manoel Thomaz Alves Nogueira — t. LXXVI, p. II, pag. 7.

108) « Cartas de João Loureiro, escriptas do Rio de Janeiro ao Cons^o. Manoel José Maria da Costa e Sá (1828-1842)— t. LXXVI, p. II, pag. 273.

109) « A colonisação da Capitania do Rio Grande do Norte » — pelo Dr. Augusto Tavares de Lyra — t. LXXVII, p. I, pag. 9.

110) « Aspectos do periodo regencial » — pelo Dr. José Vieira Fazenda — t. LXXVII, p. I, pag. 45.

111) « O bandeirismo no Brasil » — pelo professor Brasílio de Magalhães — t. LXXVII, p. I, pag. 71.

112) « Fastos paraenses » — pelo Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata — t. LXXVII, p. I, pag. 115.

113) « A correspondencia do Barão de Wensel de Marschall » — pelo Dr. Jeronymo de A. Figueira de Mello — t. LXXVII, p. I, pag. 179.

114) « Historia Constitucional do Brasil » — pelo Dr. Aurelino de Araujo Leal — t. LXXVII, p. I, pag. 295.

Das duas partes publicadas do Tomo Especial do Primeiro Congresso de Historia Nacional, salientaremos apenas os seguintes trabalhos:

115) « A Colonizaçào. Capitánias » — pelo Dr. Jonathas Serrano — Vol. I, pag. 185 (These official).

116) « Estabelecimento de um governo geral. Os primeiros jesuitas » — pelo Dr. José Eduardo Freire de Carvalho — Vol. I, pag. 207 (These official).

117) « O dominio hespanhol » — pelo Dr. Lucio José dos Santos — Vol. I, pag. 249 (These official).

118) « O Padre Antonio Vieira » — pelo Dr. Antonio Fernandes Figueira — Vol. I, pag. 337 (These official).

119) « Tentativas de Independencia » — pelo Dr. A. Veloso Rebello — Vol. I, pag. 391 (These official).

120) « Dominio hollandez no Brasil, especialmente no Rio Grande do Norte » — pelo Dr. Augusto Tavares de Lyra — Vol. I, pag. 347 (These avulsa).

121) « João Francisco Du Clerc (Fragmentos de uma memoria) » — pelo Dr. Gastão Ruch Sturzenecker — Vol. I, pag. 507 (These avulsa).

122) « Domingos José Martins » — pelo Dr. Marcilio Teixeira de Lacerda — Vol. I, pag. 553 (These avulsa).

124) « Memoria sobre as terras orientaes da antiga freguezia de S. João Baptista Geremoabo » — pelo Dr. Braz do Amaral — Vol. I, pag. 951 (These avulsa).

125) « Subsídios para a historia da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro » — pelo Dr. A. Morales de los Rios — Vol. I, pag. 989 (These avulsa).

126) « De D. João VI á Independencia » — pelo Dr. João Marcondes de Moura Romeiro — Vol. I, pag. 1351 (These avulsa).

127) « O Imperador D. Pedro II no archivo do conselheiro José Antonio Saraiva » — Vol. I, pag. 1509 (These avulsa).

128) « As capitánias hereditarias perante o Tratado de Tordesilhas » — pelo Dr. Clovis Vevilaqua — Vol. II, pag. 5 (These official).

129) « Expansão geographica do Brasil até fins do Seculo XVII » — pelo Professor Basilio de Magalhães — Vol. II, pag. 27 (These official).

130) « Historia das Entradas; determinação das áreas que exploraram — pelo Dr. José Luiz Baptista — Vol. II, pag. 175 (These official).

131) « As Bandeiras paulistas (Estabelecimento das directrices geraes a que obedeceram e estudo das zonas que alcançaram) » — pelo Dr. Gentil de Assis Moura — Vol. II, pag. 221 (These official).

132) « Os Jesuitas: papel que lhes coube no devassamento do territorio nacional » — pelo Dr. Alfredo de Almeida Russell — Vol. II, pag. 251 (These official).

133) « A depressão amazonica e seus exploradores » — pelo Dr. Henrique Americo de Santa Rosa — Vol. II, pag. 271 (These official).

134) « Estudos cartographicos da primeira phase dos descobrimentos na America » — pelo Dr. Orville A. Derby — Vol. II, pag. 325 (These avulsa).

135) « Peregrinação de Antonio Knivet no Seculo XVI (estudo critico para servir de contribuição á historia e geo-

graphia do paiz » — pelo Dr. Theodoro Sampaio — Vol. II, pag. 345 (These avulsa).

136) « Algumas palavras sobre o itinerario de Sebastião Fernandes Tourinho e de Antonio Dias Adorno » — pelo Dr. Francisco Lobo Leite Pereira — Vol. II, pag. 391 (These avulsa).

137) « Synthese historica das tentativas feitas para a utilização como vias navegaveis dos grandes rios que banham o Estado de Goyaz » — pelo Marechal Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim — Vol. II, pag. 409 (These avulsa).

138) « Os naturalistas viajantes dos Seculos XVIII e XIX e o progresso da ethnographia indigena no Brasil » — pelo Dr. Theodoro Sampaio — Vol. II, pag. 543 (These official).

139) « As tribus negras importadas. Estudo ethnographico, sua distribuição regional no Brasil. Os grandes mercados de escravos » — pelo Dr. Affonso Claudio — Vol. II, pag. 595 (These official).

140) « Contribuição para o estudo das questões de que trata a these 6ª da secção de Historia das explorações archeologicas e ethnographicas. As tribus negras importadas. Estudo ethnographico, sua distribuição regional no Brasil. Os grandes mercados de escravos » — pelo Dr. Braz do Amaral — Vol. II, pag. 661 (These avulsa).

E só alludiremos aos discursos, alguns formosissimas monographias, que a *Revista* encerra, pronunciados no Instituto, sobrelevando os dos oradores officiaes — Porto Alegre, Macedo, Ramiz Galvão, Nascimento Silva, Joaquim Nabuco, Souza Pitanga e Affonso Celso.

Terminamos aqui o nosso modesto estudo. Lacunoso, feito em exiguo tempo, obedecendo apenas á honrosissima determinação da « Carnegie Endowment for international Peace », buscou tão sómente patentear o interesse que no Brasil sempre tiveram os seus mais illustres filhos pelas causas da intelligencia. E, a mingua de outro valor, terá, ao menos, o de servir de ponto de partida para outros mais proficientes.

MAX FLEIUSS.